



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

MARCELLE CABRAL VOLPASSO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A PRAXIOLOGIA MOTRIZ:
PERSPECTIVAS SEMIOMOTRIZES NA EQUOTERAPIA**

SEROPÉDICA
2025

MARCELLE CABRAL VOLPASSO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A PRAXIOLOGIA MOTRIZ: PERSPECTIVAS
SEMIOMOTRIZES NA EQUOTERAPIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação e Gestão.

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V931e Volpasso, Marcelle Cabral , 07/04/1998-
Educação inclusiva e a praxiologia motriz:
perspectivas semiomotrizes na equoterapia / Marcelle
Cabral Volpasso. - Seropédica, 2025.
94 f.: il.

Orientador: José Ricardo da Silva Ramos.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação
Agrícola, 2025.

1. praxiologia motriz. 2. equoterapia educacional.
3. lógica interna. 4. educação inclusiva. I. Ramos,
José Ricardo da Silva, 02/07/1963-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Finance Code 001".

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

MARCELLE CABRAL VOLPASSO

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: **02/04/2025**



Documento assinado digitalmente
JOSE RICARDO DA SILVA RAMOS
Data: 26/05/2025 19:44:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

JOSE RICARDO DA SILVA RAMOS, Dr. UFRRJ



Documento assinado digitalmente
NADIA MARIA PEREIRA DE SOUZA
Data: 27/05/2025 09:51:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

NADIA MARIA PEREIRA DE SOUZA, Dra. UFRRJ



Documento assinado digitalmente
VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES
Data: 02/06/2025 21:48:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

VALERIA NASCIMENTO LEBEIS PIRES, Dra. UFRRJ



Documento assinado digitalmente
JOAO FRANCISCO MAGNO RIBAS
Data: 02/06/2025 15:53:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

JOÃO FRANCISCO MAGNO RIBAS, Dr. UFSM

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos meus pais, José Carlos e Solange, que mesmo com a maré forte, nunca deixaram de remar para que eu conseguisse chegar a terra firme.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me sustentado nos dias difíceis, por me guiar e iluminar em todos os momentos de dúvida e incerteza. Grata por me dar coragem e paciência para enfrentar os desafios e perseverar em minha jornada acadêmica.

Aos meus pais, Solange e José Carlos, obrigada pelo apoio incondicional durante toda minha trajetória acadêmica. O amor e incentivo de vocês foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios e chegar até aqui. Obrigada por sempre acreditarem em mim, por não soltarem minha mão e pela força necessária para que eu pudesse seguir em frente, especialmente quando eu quis desistir. Obrigada por investirem na minha educação, por abrirem mão do sonho de vocês para que eu pudesse realizar os meus. Vocês são minha base e meu suporte durante a caminhada da vida. Eu devo a vocês a vida e todas as oportunidades que nela tive. Eu amo muito vocês!

Aos meus avós, por todo amor, preocupação e incentivo. Mesmo sem vocês entenderem o “porque de tanto estudo”, nunca deixaram eu desanimar e sempre rezaram por mim. Obrigada por entenderem minha ausência ao longo desses meses, por não esquecerem de mim e pelas constantes ligações, que sempre me fortaleciam. Vocês são minha vida e minha maior riqueza. Amo vocês infinitamente!

Ao meu orientador, José Ricardo, agradeço por me apresentar a Equoterapia, pelas inúmeras discussões, estudo e produções ao longo dos anos. Tudo que eu vivi em 2019 durante o Projeto de Equoterapia, foi fundamental para que eu me apaixonasse por essa área e por hoje ser minha escolha para pesquisar e atuar profissionalmente. Gratidão também pela orientação durante todo o processo de elaboração dessa dissertação. Agradeço a paciência, as valiosas sugestões e a constante disponibilidade para me auxiliar durante os desafios encontrados.

Valéria, obrigada por ser essa constante fonte de motivação e incentivo ao longo de todos esses anos de parceria. Eu que terminei a graduação tão decidida a não ingressar em um mestrado, hoje estou aqui finalizando e devo tudo a você. Chegar ao final da graduação e do mestrado só foi possível porque tive você acreditando em mim, não me deixando caminhar sozinha e não desistindo de mim, mesmo quando eu mesma já havia desistido. Você foi a voz que guiou meu caminho quando eu estava completamente perdida e asas para meus voos mais ousados. Obrigada! Sem seus ensinamentos, apoio, confiança e amizade, não somente neste trabalho, mas em todo o caminho percorrido até aqui, nada disso seria possível. A pesquisa é uma construção coletiva, e hoje, eu sou a soma de tudo que construí e aprendi com você ao longo dos anos. Te amo, te admiro e me inspiro em você!

Aos meus amigos do LECOM (Luciana, Márcio e Cadu), pela parceria de sempre, pelas pesquisas realizadas, por toda troca ao longo desses anos e por tanto me ensinarem. Obrigada por estarem sempre presentes, por torcerem por mim e por acreditarem em mim, mais do que eu mesma. A vida acadêmica se torna muito mais leve com vocês ao lado.

Aos meus amigos, Sâmeque e Gabriel, pessoas que compartilham comigo os mesmos sonhos e principalmente, o amor pela Equoterapia. Obrigada, Sâmeque, por sempre ver potencial em mim, por me incentivar, por querer sempre o melhor para mim e por torcer pelas minhas conquistas como se fossem as suas. Ao Gabriel, meu muito obrigada por segurar a barra na clínica nas semanas que eu precisei estar ausente, por me fortalecer durante esses meses pesados conciliando trabalho e estudo, por me tirar da minha zona de conforto e por me fazer crescer, me dando gás para que eu possa ser mais confiante. Saibam que nós somos vidas que transformam vidas e, por isso, quero continuar nesse propósito com vocês para todo o sempre. O futuro é nosso!

As minhas coordenadoras, Sandra e Gracielle, obrigada por todo o apoio de sempre, pelos incentivos e principalmente, por fazerem de tudo para que eu conseguisse conciliar mestrado e trabalho. Obrigada por sempre entenderem minhas ausências quando eu precisava estar na Universidade, por acreditarem no meu trabalho e por me tornarem uma profissional melhor a cada dia. Saiba que vocês me ensinam muito e eu admiro vocês demais!

Aos bolsistas do Projeto de Equoterapia da UFRRJ, obrigada por participarem voluntariamente da minha pesquisa, suas contribuições foram essenciais para a realização deste estudo. Sem a colaboração de vocês, este trabalho não teria sido possível.

Aos membros da banca, João Ribas, Nádia e Valéria, gratidão por aceitarem participar desse momento. Tenho certeza de que as sugestões de vocês contribuirão com a melhoria e o enriquecimento deste trabalho.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de mestrado, possibilitando a realização desta pesquisa.

"O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001."

“Eu vi uma criança que não podia andar. Sobre um cavalo, cavalgava por prados floridos que não conhecia. Eu vi uma criança sem força em seus braços. Sobre um cavalo, o conduzia por lugares nunca imaginados. Eu vi uma criança renascer, tomar em suas mãos as rédeas da vida e, sem poder falar, com seu sorriso dizer: ‘Obrigada Deus, por me mostrar o caminho’”.

(John Anthony Davies)

RESUMO

VOLPASSO, Marcelle Cabral. **Educação inclusiva e a praxiologia motriz: perspectivas semiomotrizes na equoterapia**. 2025. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (Educação e Gestão), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2025.

Esta pesquisa teve como objetivo central investigar as possíveis relações entre a prática equestre educativa e o processo semiológico nas condutas motrizes dos agentes da Equoterapia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Essas relações foram compreendidas dentro das diferentes lógicas internas (PARLEBAS, 1981, 1999) deste tipo de educação equestre/inclusiva a fim de compreender como a Equoterapia responde as significações motrizes de alunos/praticante de uma escola pública municipal da cidade de Seropédica no Estado do Rio de Janeiro. Desse modo, a presente pesquisa se caracterizou por um estudo de caso, de natureza qualitativa, do tipo descritiva e exploratória. Para a coleta dos dados, utilizou-se um levantamento bibliográfico, diário de campo, observações das sessões equoterápicas e entrevistas semiestruturadas com os 10 sujeitos da pesquisa e participantes do projeto: “A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola” da UFRRJ. As entrevistas foram divididas em três blocos de perguntas, sendo o primeiro relacionado as características gerais dos bolsistas, o segundo as Necessidades específicas e estratégias equoterápicas e o terceiro ao trabalho inclusivo. A análise de dados foi realizada através da Análise de Conteúdo de Bardin, a partir de três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Utilizou-se a Técnica de Análise Categorical, elaborando três categorias a priori: (1) Equoterapia Tradicional/Educacional; (2) Sociomotricidade; (3) Educação Inclusiva. A análise praxiológica da Equoterapia da UFRRJ indica uma estrutura Educacional criando outras lógicas internas para atender as Necessidades Educacionais Específicas (NEE) dos estudantes, que em sua totalidade estavam dentro do Transtorno do Espectro Autista. A principal NEE do grupo é a interação social. Para tal, utilizou-se a sociomotricidade, forjando uma logicidade interna com distintas situações interativas e cooperativas, por meio de brinquedos cantados, cantigas com instrumentos musicais e rodas interativas/inclusivas, buscando a interação entre todos os agentes equoterápicos (praticantes, cavalos e equipe). Todos esses agentes desencadeiam um processo de comunicação por meio da motricidade, produzindo dados semiológicos nas quais são expressos pelos gestemas e praxemas. O gestema é o ato de puxar a rédea em direção ao próprio corpo ou verbalizar “ooooou” e jogar o corpo para trás faz com que o cavalo pare. Já o praxema é o aluno/praticante

tocar com o seu pé na barriga do cavalo, está estimulando o cavalo a andar mais rápido. Sendo assim, foi possível constatar que os sujeitos da pesquisa buscaram ações de identificação com possíveis outras logicidades dentro da estrutura equoterápica sociomotriz. Mesmo diante de um modelo peculiar equoterápico, os agentes promovem uma situação equestre educacional inclusiva.

Palavras-chave: praxiologia motriz; equoterapia educacional; lógica interna; educação inclusiva.

ABSTRACT

VOLPASSO, Marcelle Cabral. **Inclusive Education and Motor Praxiology: Semi-Motor Perspectives in Equine Therapy**. 2025. Dissertation (Master's in Education). Postgraduate Program in Agricultural Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, 2025.

This research aimed to investigate the possible relationships between educational equestrian practice and the semiological process in the motor behaviors of Equine Therapy agents at the Federal Rural University of Rio de Janeiro. These relationships were understood within the different internal logics (PARLEBAS, 1981, 1999) of this type of equestrian/inclusive education in order to understand how Equine Therapy responds to the motor meanings of students/practitioners at a municipal public school in the city of Seropédica in the State of Rio de Janeiro. Thus, this research was characterized by a case study, of a qualitative nature, of the descriptive and exploratory type. Data collection was carried out using a bibliographic survey, field diary, observations of equine therapy sessions and semi-structured interviews with the 10 research subjects and participants of the project: “Equine Therapy generating inclusion of students with special needs in school” at UFRRJ. The interviews were divided into three blocks of questions, the first related to the general characteristics of the scholarship holders, the second to the specific needs and equine therapy strategies and the third to the inclusive work. Data analysis was performed using Bardin's Content Analysis, based on three stages: pre-analysis, exploration of the material and treatment of the results. The Categorical Analysis Technique was used, creating three categories a priori: (1) Traditional/Educational Equine Therapy; (2) Sociomotricity; (3) Inclusive Education. The praxiological analysis of the Equine Therapy program at UFRRJ indicates an educational structure that creates other internal logics to meet the Specific Educational Needs (SEN) of the students, who were all within the Autism Spectrum Disorder. The main SEN of the group is social interaction. To this end, sociomotricity was used, forging an internal logic with different interactive and cooperative situations, through singing toys, songs with musical instruments and interactive/inclusive circles, seeking interaction between all equine therapy agents (practitioners, horses and team). All of these agents trigger a process of communication through motor skills, producing semiological data that are expressed by gestures and praxemes. The gesture is the act of pulling the reins toward one's own body or verbalizing "ooooou" and throwing the body back to make the horse stop. The praxeme is the student/practitioner touching the horse's belly with his/her foot, encouraging the horse to walk faster. Thus, it was possible to verify that the research subjects sought actions of identification

with possible other logics within the sociomotor equine therapy structure. Even in the face of a peculiar equine therapy model, the agents promote an inclusive educational equestrian situation.

Keywords: motor praxiology; educational equine therapy; internal logic; inclusive education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1— Sistema de Classificação (CAI)	266
Figura 2— Comunicação Prática.....	29
Figura 3— Espaço em que os atendimentos eram realizados no CAIC Paulo Darcoso.	43
Figura 4— Foto de como eram os atendimentos realizados no terreno do CAIC Paulo Darcoso.	44
Figura 5— Foto do espaço em que os atendimentos são realizados no SINTUR.	45
Figura 6— Praticantes realizando as atividades de forma cooperativa durante a montaria.	57
Figura 7— Atividade cooperativa entre todos os agentes equoterápicos.	58
Figura 8— Atividades de cunho pedagógicas.	58
Figura 9— Atividades lúdicas com objetivos educativos.	59
Figura 10—Praticante mandando beijo para o cavalo andar.	60
Figura 11—Apoios/amparos realizados durante a montaria.	61
Figura 12—Aluna/praticante aguardando o cavalo na rampa.	62
Figura 13—Atividade lúdica e cooperativa entre cavalos, equipe e alunos/praticantes.	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1— Unidades de contexto e Unidades de registro.....	51
Quadro 2— Papéis na Equoterapia e seus campos de ação.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAI	Sistema de Classificação de encontros motores
CAIC	Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CIAC	Centro Integrado de Atenção à Criança
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
EF	Educação Física
FAPERJ	Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
NEE	Necessidades Educacionais Específicas
PM	Praxiologia Motriz
PROAES	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
RAIC	Reunião Anual de Iniciação Científica
SINTUR	Sindicato dos Trabalhadores em Educação
SNC	Sistema Nervoso Central
TAI	Termo de Anuência Institucional
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 PRAXIOLOGIA MOTRIZ	22
2.2 EQUOTERAPIA DA UFRRJ, SEU ENFOQUE PRAXIOLÓGICO E O CAMINHO PARA UM TIPO DE EQUOTERAPIA MAIS INCLUSIVA	31
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	41
3.1 TIPO DE PESQUISA	41
3.2 ASPECTOS ÉTICOS	42
3.3 PARTICIPANTES	42
3.4 DESCRIÇÃO DO PROJETO DE EQUOTERAPIA EDUCACIONAL E ESCOLA	43
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	45
3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	48
3.7 ANÁLISE DOS DADOS	49
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	52
4.1 EQUOTERAPIA TRADICIONAL/EDUCACIONAL	53
4.2 SOCIOMOTRICIDADE	56
4.3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	79
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	79
APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ	82
APÊNDICE C – BLOCO 2 DAS ENTREVISTAS: HABILIDADES E PLANEJAMENTO DAS SESSÕES	83
APÊNDICE D - BLOCO 3 DAS ENTREVISTAS: TRABALHO INCLUSIVO	85
ANEXOS	87
ANEXO A - TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL (TAI)	87
ANEXO B – PROTOCOLO DO COMITÊ DE ÉTICA	88

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho dissertativo refere-se a uma Equoterapia dentro de uma proposta educativa, em que ela seja compreendida a partir da sua práxis educativa e que se situe de forma dialógica com educação inclusiva. Propomos, com base nos estudos da Praxiologia Motriz, um olhar para o processo de compreensão do todo equoterápico e as suas relações com o desenvolvimento do aluno com Necessidades Educacionais Específicas (NEE). Isso de forma inclusiva e contextualizada com o trabalho de uma Equoterapia Educacional no interior de uma universidade pública, agrária do Estado do Rio de Janeiro.

Apresentamos assim a Equoterapia, sob o olhar técnico, considerada um método equestre que vem crescendo nos últimos anos e fundamenta-se nas atividades de equitação buscando contribuir na recuperação física, mental, sensorial, educacional e comportamental de pessoas com diferentes deficiências (Citterio, 1991; Ribeiro; Piantino, 2017). Sabe-se que o termo Equoterapia foi atribuído no Brasil em 1989 pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL, 2022), sendo definida como uma prática terapêutica e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação (Cirillo, 1998; Pereira; Bataglion; Mazo, 2020).

Partindo de uma abordagem mais educacional, entende-se a Equoterapia como fundamental no processo educativo inclusivo de sujeitos com Necessidades Educacionais Específicas (NEE), uma vez que oportuniza a inserção social, facilita a construção do conhecimento e pode ser vivenciada como atendimento escolar, atuando a partir das dificuldades de aprendizagem do aluno/praticante¹ (Oliveira *et al.*, 2016).

Esse tema peculiar foi para mim um processo de descoberta no meu tempo de estudante na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Vivi na minha graduação, entre cavalos, alunos com NEE e o universo educacional da Equoterapia². Um universo novo dentro de um programa equestre/terapêutico/educacional o qual me envolveu com uma curiosidade de pesquisa e proposições. Com a inserção neste projeto pude descobrir formas educacionais,

¹ A centralidade de aluno diz respeito a um tipo de Equoterapia educacional vivenciada dentro de uma escola pública no interior de uma Universidade Federal no Estado do Rio de Janeiro. Já o termo praticante é utilizado para designar os indivíduos em atividade equoterápica, pois são sujeitos ativos que participam de sua reabilitação à medida que interagem com o cavalo (ANDE, 2022).

² A Equoterapia, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), foi um projeto inserido no Programa Residência Pedagógica, vinculado à Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES), como uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores. Participei do projeto entre 2018 e 2020, sendo o ano de 2019 dedicado ao Projeto “Equoterapia Educacional: Suporte inclusivo para escolarização de crianças e jovens com necessidades educacionais”, coordenado pelo professor de “Prática de Ensino” e Equoterapia da UFRRJ.

terapêuticas e equestres de atender crianças e jovens com deficiências, autismo, dificuldade de aprendizagem entre outros³. Essas formas multifacetadas foram contempladas sobre cavalos e com cavalos. Um meio plural que até então não fazia parte do meu cotidiano de aluna de um curso de educação física na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Vivi momentos intensos de uma prática equestre abrangente, interdisciplinar⁴ e solidária, pois antes dos atendimentos, a equipe se deslocava até o setor em que os cavalos ficam confinados a fim de realizar os cuidados necessários de manejo, como alimentar, rasquear, limpar ranilhas, selar, treinar os cavalos entre outras atividades equestres. Após todo o manejo, os cavalos eram transportados até o local dos atendimentos que se situava numa escola pública dentro da UFRRJ. Ao final do dia, toda a equipe se reunia com o Grupo de Pesquisa em *Equoterapia: Campo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Desporto – CNPq*, o qual tem como Líder o Coordenador da Equoterapia, o professor José Ricardo da Silva Ramos. Com o passar do tempo, busquei discutir academicamente as questões relacionadas a prática equestre, participei de vários encontros com o grupo, compartilhei de eventos acadêmicos dentro e fora da UFRRJ e produzi alguns artigos científicos com o tema Equoterapia. Com isso, foi possível ganhar um Prêmio de “Menção Honrosa” na VII Reunião Anual de Iniciação Científica (RAIC 2019) - da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - e partilhar conhecimentos a respeito da Equoterapia e da minha atuação a favor da inclusão escolar de alunos com NEE.

Inicialmente, minha atuação foi de mediadora no Programa Equoterapia da UFRRJ e assim fui avançando e me familiarizando com os cavalos, a fim de criar um vínculo de confiança, respeito e cuidado com o rebanho equoterápico. Aprendi sobre a forma de cuidar, alimentar, conduzir, selar e até mesmo sobre a personalidade e medos de cada agente equoterápico (os cavalos da Equoterapia da UFRRJ). Criar conexão e entender sobre o comportamento de cada animal foi fundamental para que os objetivos terapêuticos/educacionais fossem alcançados e que a prática equoterápica acontecesse sem problemas para o aluno/praticante com NEE. Com o passar do tempo, percebi que o cavalo nos ensina sobre empatia e sensibilidade, o olhar para o outro através de seu modo inclusivo, a pensar no coletivo

³ Os encontros equoterápicos aconteciam no Centro Integral de Atendimento à Criança e ao Adolescente (CAIC) Paulo Dacorso Filho, localizado na cidade de Seropédica, compreendendo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, em convênio com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Para além dos alunos do CAIC, o programa também atendia indivíduos com deficiências, autismo e dificuldade de aprendizagem que residissem em Seropédica.

⁴ A Equoterapia da UFRRJ é interdisciplinar pois estabelece relações entre diversas disciplinas, com alunos, técnicos e professores de vários cursos da UFRRJ como Educação Física, Medicina Veterinária, Zootecnia, Psicologia, Pedagogia, Agronomia, Ciências Biológicas e outros.

e a entender as linguagens ditas não-verbais. Através desses ensinamentos, ficou mais fácil entender e lidar com as necessidades educacionais dos alunos/praticantes e a ter uma prática pedagógica mais humana e sensível. Após essa familiarização, toda a equipe definia tarefas educacionais e de pesquisa, elaborava os planejamentos e as estratégias pedagógicas que melhor se adequassem a cada aluno/praticante.

As práticas equestres ocorriam dentro do programa de hipoterapia⁵ e contavam com o agente cavalo, um auxiliar guia, auxiliar lateral e o mediador⁶. Os atendimentos aconteciam uma vez por semana, durante 30 minutos cada sessão⁷. Ao iniciar a prática, utilizávamos como recurso pedagógico as brincadeiras cantadas, a fim de estimular e desenvolver a socialização, imitação e linguagem corporal. Em seguida, era realizado uma aproximação com o cavalo, objetivando criação de vínculo entre animal, equipe e praticante. A montaria era realizada no segundo momento, aproveitando os estímulos táteis, vestibulares e proprioceptivos, somado a alongamentos e brincadeiras lúdicas. O atendimento encerrava com a despedida, agradecendo o cavalo e o alimentando. Todas essas estratégias levavam em consideração as individualidades, buscando sempre o desenvolvimento biopsicossocial do praticante e sua inclusão no ambiente escolar.

É na fase da montaria que o praticante recebe inúmeros estímulos sensório-motores que partem do dorso do cavalo e vão até o Sistema Nervoso Central humano. Isso se dá por meio da ativação dos receptores do sistema proprioceptivo, resultando na inibição de padrões patológicos (Pavão; Verde, 2015). Para, além disso, é possível ampliar as suas relações interpessoais, sentimentos de afetividade, confiança, autonomia, concentração, comunicação, socialização, ajudar na construção de laços de amizade e reforçar padrões para ajudar o próximo e ser ajudado (Majewski; Oliveira, 2020; Ramos, 2020; Souza; Silva; Cidrão, 2020).

Essas experiências equestres me apresentaram um interesse em observar os comportamentos motores dos alunos/praticantes com NEE que fazem a Equoterapia e de toda

⁵ O programa de hipoterapia é voltado para a reabilitação de indivíduos com deficiência. Os praticantes não têm autonomia e não conseguem se manter sozinhos no dorso do cavalo, precisando de apoio constante do terapeuta.

⁶ A equipe equoterápica é composta pelo agente cavalo, auxiliar guiar, auxiliar lateral e o mediador. O cavalo é o principal agente terapêutico, o único capaz de gerar a ação motriz tridimensional. O auxiliar guia é responsável por conduzir o cavalo, aprender o que ele está expressando e perceber fatores externos para que possa antecipar-se motoramente as atitudes do animal. O auxiliar lateral é responsável por acompanhar o praticante e garantir sua segurança. O mediador é o líder da equipe, responsável pelo planejamento e intervenção da sessão (RAMOS, 2020).

⁷ Uma sessão equoterápica pode ser dividida em três momentos, sendo o primeiro de aproximação entre praticante e cavalo, buscando maior interação e socialização. O segundo momento é o da montaria, na qual explora-se o movimento tridimensional do cavalo, somado a atividades lúdicas que dialoguem com os objetivos individuais de cada praticante. O terceiro momento é o de despedida, com o praticante agradecendo, alimentando e se despedindo do cavalo.

a equipe. As condutas motrizes⁸ desses sujeitos estabelecem uma motricidade guiada pelas normas geradas na estrutura equoterápica. Nesse contexto, o processo de compreensão semiológica nos faz pensar nas condições de organização do espaço educacional da Equoterapia e as significações motrizes que temos a respeito de como lemos, observamos e produzimos motricidade na Equoterapia.

Desse modo, o cavalo, principal agente, é o terapeuta responsável na realização de ações motrizes necessárias para o desenvolvimento integral de sujeitos com NEE. Através da ação motriz tridimensional do cavalo, é possível desenvolver os reajustes corporais do aluno/praticante, potencializando as habilidades psicomotrizes de equilíbrio e minimizando comprometimentos consequentes às deficiências (Martignago *et al.*, 2015). Por meio desta prática, busca-se, portanto, o desenvolvimento psicológico, motor, de autoconhecimento, educacional, comportamental e de socialização no dorso do cavalo, com atividades que levem o indivíduo ao seu pleno desenvolvimento durante as sessões (Silva; Monteiro; Leite, 2020). Vale ressaltar que no presente trabalho o foco não será voltado somente a reabilitação, mas de forma a entender como a referida prática pode favorecer no processo educativo inclusivo, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos/praticantes.

Essa visão foi sendo mais discutida entre nós do grupo de pesquisa em Equoterapia e pensamos em ultrapassar o aspecto puramente terapêutico/motor para uma intervenção praxiológica. Vivenciamos essa área do conhecimento científico e começamos a perceber o seu contato com a Equoterapia e a Educação Inclusiva. A Praxiologia Motriz (PM)⁹ começou a nos apresentar respostas por meio de seus fundamentos semiológicos¹⁰ no campo da Educação Inclusiva.

Apesar da visão central deste trabalho ser Equoterapia Educacional e as suas contribuições na educação inclusiva, optamos por utilizar uma prática científica e pedagógica como a Praxiologia Motriz por entendermos que essa prática traz em sua estrutura, elementos que emancipam a Equoterapia, tratando-a como uma prática concreta, contextualizada e capaz de promover o desenvolvimento integral do aluno/praticante com NEE. Nesta visão, compreender a Equoterapia é também emancipá-la para além de uma abordagem metodológica, dialogando com outra área do conhecimento e utilizando-a na sua complexidade. Assim, este

⁸ Conduta Motriz: são as ações realizadas no jogo e que contém significado (Follmann, 2019).

⁹ É a ciência da ação motriz, levando em consideração os modos de funcionamento de um evento motor. Estuda as ações motrizes que surgem em qualquer situação motriz. Essas ações manifestam-se devido as relações que se formam entre os participantes de um determinado encontro motor (Lagardera Otero; Lavega Burgués, 2003).

¹⁰ Os sinais produzidos quando o sujeito joga, luta ou dança são chamados de signos. Ao produzir esses signos, os jogadores estão produzindo uma semiologia da motricidade (Parlebas, 1999).

trabalho dissertativo se sustenta: 1) Na crítica abordagem instrumental/tradicional da Equoterapia e a sua superação a partir de uma concepção de Equoterapia Educacional e Inclusiva; 2) A investigação do processo semiológico nas ações motrizes a partir do olhar dos bolsistas da Equoterapia da UFRRJ; 3) A relação da Equoterapia com a PM e o conhecimento da lógica interna do jogo equoterápico.

Para nós, fazer menção da Equoterapia é compreender as diferentes epistemologias que possam dialogar com a mesma, entendida aqui como uma área de saber que pode fazer intercâmbio em toda sua diversidade social, conectando o trabalho equestre/inclusivo com outros saberes do campo educacional e com isso busca se envolver com os aspectos praxiológicos de forma interdisciplinar. Por conta disso, essa dissertação faz uso de termos que estão mais próximo dos estudos da Praxiologia Motriz a partir do professor Pierre Parlebas (1996).

Embora o desenho deste trabalho não seja o uso de termos novos, e sim a educação inclusiva capitaneando outros saberes, elegemos a Equoterapia, como prática motriz utilizada para interagir com outros saberes no campo da educação, pois para nós, é ela que nos auxilia no processo de autonomia e inserção social de praticantes através do acompanhamento por uma série de profissionais multi/interdisciplinares. Nesse contexto, a Equoterapia dentro do enfoque de educação inclusiva, também pode ser indicada para o cuidado de indivíduos que apresentam alguma deficiência e/ou transtorno, a fim de desenvolverem suas capacidades e especificidades, porém, atua como complemento às diferentes terapias o dia a dia (Costa, 2014; Silva; Heinze *et al.*, 2020; Silva; Monteiro; Leite, 2020).

Além disso, a Equoterapia na perspectiva educacional cria um ambiente que favorece a construção do conhecimento, ampliando suas habilidades e adquirindo novos saberes, conduzindo o praticante a um desenvolvimento biopsicossocial. O cavalo é um facilitador do processo ensino-aprendizagem, agente de inserção e reinserção social, minimiza os distúrbios comportamentais, promove a autoestima, a autoimagem e a autonomia.

Nesta dissertação, procuraremos abordar dois aspectos importantes para se compreender as condutas motrizes dos sujeitos que se movem dentro da prática equoterápica. São eles: 1) As ações motrizes geradoras de possibilidades de estratégias equestres para realização do jogo equoterápico; 2) As ações semiomotrizes dos agentes equoterápicos destacando as ações nas quais os sujeitos estão inseridos. Dessa forma, estamos vigilantes às ações motrizes sistemáticas produzidas nas atividades exercidas do universo equoterápico. Apesar de procurarmos uma abordagem de Equoterapia educacional e inclusiva, nos questionamos de fato, se a mesma pode fazer essas relações inclusivas com a Praxiologia Motriz (PM) de Parlebas. Assim, quais são as

possibilidades e limites para compreender uma prática equoterápica articulada a área praxiológica? Como dialogar e ao mesmo tempo articular PM e Educação Inclusiva na Equoterapia? Na área pedagógica, que modos de fazer Equoterapia se articulam a PM e Educação Inclusiva?

Apesar dessa relevância da Praxiologia Motriz e da Educação Inclusiva para compreensão do funcionamento da Equoterapia na perspectiva educacional, são poucas as pesquisas que fazem correlação entre as variáveis citadas.

Sendo assim, o presente trabalho tem como entendimento que todo ato motor pode enunciar uma forma semiológica de comunicação não verbal conexa a um jogo de tarefas motrizes a cumprir (Parlebas, 1996), caracterizado por orientações normativas estruturais. E à medida que o sujeito do jogo realiza uma tarefa motriz (sociomotriz), identificável pelo todo que faz parte da situação sociomotriz, as ações motrizes podem se constituindo num processo situacional lógico, de funcionamento sociomotor normativo segundo a estrutura profunda que guia todas as ações que estão na superfície do jogo (Ramos, 2020).

Com isso, acredita-se que durante a prática Equoterápica da UFRRJ, cavalo, equipe e aluno/praticante ao interagirem e se comunicarem por meio da motricidade, podem desencadear dados semiológicos, constituídos de ações motrizes que vão ser determinadas a partir da estrutura equoterápica. Além disso, acredita-se que a Equoterapia da UFRRJ forja uma lógica interna distinta da Equoterapia tradicional, uma vez que sua lógica interna se molda para atender as NEE dos alunos/praticantes.

Dessa forma, esse estudo tem como objetivo central investigar as possíveis relações entre a prática equestre educativa e o processo semiológico nas condutas motrizes dos agentes da Equoterapia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (a UFRRJ). E os objetivos específicos buscam: 1) Analisar de que forma o processo semiológico acontece nas sessões de Equoterapia, considerando as necessidades educacionais específicas do aluno. 2) Identificar as palavras, símbolos, associações e os signos utilizados na Equoterapia que favorecem o desenvolvimento integral de sujeitos com necessidades educacionais específicas. 3) Analisar os princípios da educação inclusiva na Equoterapia e suas possíveis aproximações com a concepção da Equoterapia Educacional.

Esses objetivos serão respondidos ao longo do trabalho dissertativo por meio da investigação do trabalho semiológico, voltado para um tipo de Equoterapia Educacional inclusiva. Desse modo, este trabalho buscará uma sondagem junto aos bolsistas da Equoterapia da UFRRJ que estão vivenciando a Equoterapia semanalmente com o atendimento a crianças e jovens com NEE.

Sendo assim, esse trabalho parte de uma análise junto aos sujeitos que atuam na Equoterapia da UFRRJ, os quais interagem entre cavalos e alunos/praticante com NEE, e com isso fazem significações nos seus modos de agir ao ponto de suas falas se tornarem parte da sua motricidade praxiológica, incididas na sua filiação no campo da Equoterapia da UFRRJ. Dessa forma, busca-se compreender, a partir da Praxiologia Motriz, a lógica interna das sessões equoterápicas, buscando entender como os códigos, gestos, signos, a comunicação e a linguagem corporal podem se relacionar com a Educação Inclusiva, contribuindo em favor da aprendizagem e da inclusão escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Praxiologia Motriz

A intenção desse capítulo é apresentar a fundamentação teórica que norteia o presente capítulo, trazendo as principais conceituações da Praxiologia Motriz (PM) de Pierre Parlebas, assim como sua relação com a semiologia e a Semiomotricidade.

A PM coexiste sincronicamente com os conceitos dos Estudos da Linguagem na análise de qualquer situação motriz particular (Ramos, 2007). Para isso, na busca de olharmos a Equoterapia sob o olhar da PM, uma das abordagens desse trabalho é olhar uma das vertentes da PM. Para tal, é fundamental iniciar discorrendo sobre a linguagem humana, constituída por um conjunto de signos verbais e não verbais presentes no cotidiano social e carregados de sentidos e significados. A teoria linguística proposta pelo suíço Ferdinand Saussure originou-se em 1916 e tem como objeto de estudo a linguagem verbal, oral e escrita. Ao falar ou utilizar a escrita, o homem produz sinais que são denominados signos. Ao produzir esses signos os sujeitos se comunicam, demonstram suas ideias, exercem sua autoridade, estabelecem sua cultura e sua identidade (Orlandi, 1986).

A vertente que nos interessa tem em comum com a Linguagem verbal a ideia de um estatuto (científico) em que determinada situação motriz pode ser concebida como um sistema de signos (Ramos, 2007). Nesse sentido, o sistema (motor) se constrói a partir de interações internas de sujeitos que se movem numa situação motriz particular. Tal estatuto assevera que as atividades humanas próprias dos conteúdos das práticas corpóreas instituídas têm signos expressos no comportamento humano e/ou nas condutas motrizes dos que se movem quando jogam, brincam, dançam ou praticam esportes (Parlebas, 1999).

Para além dos signos da linguagem motriz, existem inúmeros outros signos que constituem a linguagem na vida humana, como: pintura, sinalizações, dança, mímica entre outros. Esses signos são objetos de estudo de uma ciência geral: a Semiologia. Para Saussure, a Semiologia é um sistema de signos universais que estão presentes no seio da vida social e constituídos de significação (Orlandi, 1986).

Desde o nascimento o sujeito está inserido na linguagem e no sistema linguístico do seu grupo social. A língua é um sistema semiológico (Milani, 2016) com uma estrutura desenvolvida por convenções sociais, apresentando normas e leis internas que lhe são dadas e não se relacionam com o que lhe é exterior. Nessa estrutura, não cabe ao sujeito alterá-la ou criticá-la. É no interior desse sistema que o significado dos signos torna-se concreto, fora dele não há possibilidade de ordenamento pela língua (Ferigolo, 2009; Almeida, 2011).

Trataremos o enfoque dessas teorias linguísticas como amplas e, de certa forma apresentam dificuldades em codificar e explicar as mensagens provenientes da linguagem corporal, compreendidas como multidimensionais e com uma polissemia de saberes próprios da cultura corpórea (Ramos, 2000). Já o enfoque de Parlebas, por meio da PM apresenta a semiologia da motricidade como fundamental para compreender os registros signícos da ação motriz. Com isso, Parlebas utiliza-se de um tipo de semiomotricidade a fim de decifrar os diferentes códigos motrizes que emanam das condutas dos participantes durante uma prática motriz distinta (Parlebas, 2001).

Para Ramos (2000, p. 16) isso implica:

A semiomotricidade para Parlebas é a metalinguagem da ação motriz (...) É a semântica das condutas motrizes, na qual se procura mostrar que a descrição sígnica do corpo não depende somente da vontade dos sujeitos que se movem, pois ela também cumpre uma necessidade imposta pelas próprias variáveis contextuais como: os objetos em jogo, adversários, parceiros, espaços e fases motrizes. Tudo isso regulado por uma rede de comunicação motriz, manifestada no interior de uma rede de interações, projetos e antecipações interpretada pontualmente pelos signos práticos subentendidos e expostos dentro de uma situação específica.

Dentro dessa situação específica, Parlebas (1999) aventura-se unir à Educação Física no sentido de granjear para a matéria um objeto de estudo semiológico: a Praxiologia Motriz. Trata-se de uma ciência que investiga o sistema de signos práticos manifestados nos comportamentos observados em qualquer prática motriz que permita aos sujeitos dentro de uma prática coletiva se comunicarem entre a equipe ou se contracomunicarem entre os seus componentes, proporcionando assim as interações de cooperação e oposição (Taborda, 2014).

Nesse sentido, a Praxiologia Motriz (PM) é conhecida como ciência da ação motriz¹¹ e seu ponto de partida busca entender o funcionamento das situações motrizes ou encontros motores, analisando de forma sistemática a laboração das práticas motrizes em diferentes manifestações culturais. A PM, desse modo, se organiza e se produz, gerando instrumentos de análise que permitem o sujeito da pesquisa motriz conhecer o funcionamento de qualquer encontro motor (Oliveira; Ribas; Gomes-da-silva, 2018). Assim, toda modalidade expressiva, esportiva e lúdica pode ser compreendida como sistema praxiológico, revelando sua lógica interna, definindo redes de comunicação, os elementos essenciais e a gramática de acordo com as ações motrizes que emanam do sujeito que se move numa estrutura motriz (Ribas, 2010; Parlebas, 2001; Oliveira; Ribas; Gomes-da-silva, 2018).

¹¹ Ação motriz é a realização das condutas motrizes de um ou vários participantes que atuam em uma situação motriz determinada” (Parlebas, 2001).

Já o conceito dessas relações, de acordo com as ações motrizes que emanam do sujeito, falam de uma lógica interna que trata de um conjunto de características importantes de uma situação motriz. Ela se traduz em resultados motrizes, tomadas de consciência e/ou tarefas motrizes a cumprir das ações motrizes (Parlebas, 1999). Por isso, cada prática motriz apresentará uma lógica interna distinta, determinada pelas regras dos jogos, conduzida por suas características, como uma espécie de identidade motriz (Fagundes; Follmann; Wenzel, 2019). É a lógica interna que revela alguns elementos que dão logicidade ao encontro motor como o local, material, o tempo e as formas de interação com os objetos, espaço e com os outros participantes, sejam os companheiros e/ou adversários (Ribas *et al.*, 2019). Esse conjunto de relações internas representam as ações observadas durante o funcionamento das práticas motrizes e a forma como são protagonizadas essas ações por cada indivíduo, representam as condutas motrizes dos sujeitos (Araújo; Franchi; Lavega, 2019).

Nesse conjunto de relações internas, a lógica interna de uma situação motriz vincula-se simultaneamente a geração das condutas motrizes. Tal concepção mostra o protagonismo dos sujeitos que se movem, onde os mesmos são os autores de uma situação motriz específica e não apenas receptáculos de ações motrizes como a Educação Física (EF) conservadora preconiza ou qualquer outro tipo análise motriz.

As implicações decorrentes da PM são emancipatórias para EF ou para análise motriz semiológica. Primeiro porque mostra a totalidade que a EF se envolve na pesquisa, no modo de olhar os seus conteúdos instituídos nas práticas corpóreas. Isso se dá na maneira de olhar um encontro motor/situação motriz como sistema/estrutura e no modo de conhecer o todo estrutural constituído por fatores internos que formam um universo motor. Segundo Parlebas (1981) a PM forja a pesquisa, com seus pressupostos semiológicos que sugere uma maneira científica de olhar um encontro motor para além das atividades sem sentido nas quais o sujeito que se move não é inserido numa situação motriz específica¹².

De acordo com Fagundes, Follmann e Wenzel (2019) diante de uma lógica interna motriz, os sujeitos que brincam, jogam ou dançam em qualquer tipo de prática, eles interagem dentro de um sistema praxiológico e produzem ações motrizes. A ação motriz é uma unidade de significação (Parlebas, 2000) comum que aparece em todas as práticas e pode ser definida como a realização das condutas motrizes de um ou vários sujeitos que atuam em determinada situação motriz. Está diretamente associada a prática motriz, pois é ela quem estabelece a

¹² Para Parlebas (1996), a PM trata do sujeito que se move a partir de um todo que ampara as suas condutas motrizes, diferentemente da psicomotricidade de Jean LeBoulch que analisa o movimento humano distinto de outras significações que dão sentido o seu mover dentro de uma situação motriz específica.

maneira como os participantes poderão atuar e por meio de quais ações motrizes (Oliveira; Ribas, 2019). Vale ressaltar que a definição de ação motriz vai além da compreensão sobre técnica, decoreba de habilidades motrizes e tática que valoriza a mecanização dos gestos, mas sim em elementos relacionados a lógica interna das práticas, como tomada de decisão, antecipação, interação, identificação dos sinais dos companheiros e leitura do jogo (Parlebas, 2001). Para Parlebas (1988, 2001) a relevância de estudos referentes à lógica interna está estabelecida no conceito de interação motriz, a partir da hipótese de que todo sujeito ao atuar em um sistema praxiológico¹³ estabelece um contato com os integrantes dessa dita organização intrínseca. A interação motriz acontece quando o comportamento motor de um sujeito influencia na conduta de um ou vários participantes.

Dessa forma, a interação motriz interfere diretamente em como as ações motrizes serão realizadas, seja em relação aos companheiros e/ou os adversários (Parlebas, 1998; Lagardera; Lavega, 2003). Todas as ações ocorridas no jogo e ou situações motrizes/encontros motrizes serão conduzidas pelas interações, podendo estas propiciarem a comunicação, quando os comportamentos facilitarem a leitura dos jogadores, e/ou contracomunicação, quando dificultar ações e interpretações do comportamento motor dos outros jogadores (Ribas, 2014).

Com isso, o êxito nas situações do jogo dependerá da capacidade de leitura e tomada de decisões, especialmente quando se entende que sua ação é emissora de mensagens. Cabe ao praticante tornar suas ações confusas a fim de dificultar a leitura do adversário, enquanto facilita para os companheiros, potencializando assim o desempenho da equipe (Fagundes; Ribas, 2017).

Todas essas ações que ocorrem durante as práticas se apresentam dentro de um sistema nas quais, diversos fatores internos dialogam entre si e qualquer modificação nas particularidades desses componentes modificam toda a dinâmica do sistema, alterando assim sua lógica interna (Oliveira; Ribas, 2010). Dessa forma, a Praxiologia Motriz foi criada com a intenção de facilitar os professores de Educação Física a entenderem sobre a essência, as interações e, consequentemente, a lógica interna de qualquer prática corporal (Ribas, 2008).

Desse modo, Parlebas (1981) desenvolveu a teoria analítica do jogo partindo da ideia de que esse é um fenômeno da linguagem, se baseando nas ideias de Ferdinand Saussure (1857-1913), na qual encara os fenômenos socioculturais como linguagem e um arbitrário como a língua. Para Saussure, a linguagem tem uma face social (língua) e uma face individual (fala).

¹³ Sistemas Praxiológicos: Realidade complexa de natureza praxica em que todos os componentes que fazem parte da mesma ostentam a característica essencial de interagirem todos entre si. A Praxiologia vê os jogos como sistemas praxiológicos (Lagardera Otero; Lavega Burgués, 1999).

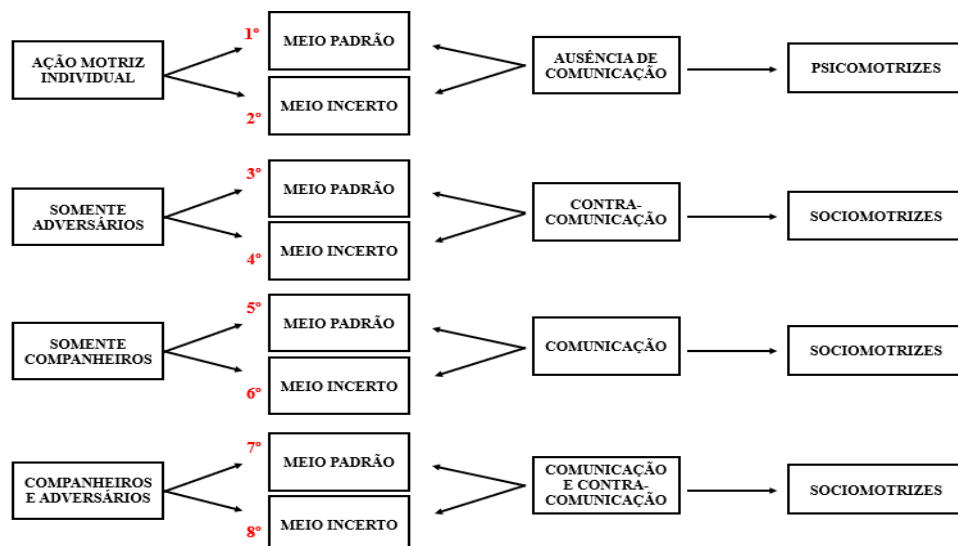
A língua como produto social se estabelece em algo convencional, um sistema de signo adquirido. Já a fala como algo individual, se estabelece nas faculdades receptivas e coordenativas dos sujeitos falantes (Gomes-da-Silva; Sousa-Cruz; Arruda, 2019).

Nesse sentido, Parlebas começou a observar o jogo como uma estrutura social também arbitrária composta por comportamentos corporais que utilizam essa estrutura social convencionada. É a partir dessa significação que é possível compreender a lógica interna e a gramática de qualquer encontro motor. Desse modo, a “gramática de um encontro motor” equivale a um sistema de interação chamado de “sistema CAI”. (Gomes-da-Silva; Sousa-Cruz; Arruda, 2019).

O Sistema de Classificação de encontros motores (CAI) analisa as práticas motrizes como produto social, convencional, regulado em seu funcionamento. Possibilita o pesquisador preocupado com análise de uma situação motriz, compreender a organização de uma prática (motriz), planejar sua ação e realizar sua intervenção pedagógica de maneira lógica e eficaz (Lagardera; Lavega, 2003; Taborda, 2014; Gomes-da-Silva; Sousa-Cruz; Arruda, 2019).

O sistema CAI classifica as diferentes práticas motrizes, caracterizando-as conforme seus critérios de interação (seja com seus companheiros, adversários e/ou companheiros e adversários, bem como as práticas sem interação), somado ao critério de instabilidade ou estabilidade com o espaço de jogo (Taborda, 2014). De acordo com Lagardera e Lavega (2003), a combinação desses três critérios (companheiro (C), adversário (A) e incerteza do ambiente (I)) possibilita caracterizar qualquer situação motriz.

Figura 1- Sistema de Classificação (CAI)



Fonte: Pela autora (2025).

Através desse esquema (Figura 1) é possível identificar em qual desses oito domínios do CAI determinada prática pertence. A seguir, segue descrito as características de cada uma delas:

A primeira figura podemos constatar as práticas corporais/motrizes submetidas as ações motrizes individual, em um ambiente padrão e estável, sem modificações, em que o praticante tem conhecimento prévio do mesmo. Se trata de práticas psicomotrizes, devido à ausência de interações e comunicação. Exemplos: natação e ginástica (Parlebas, 2001). Já a segunda refere-se as práticas individuais, com um ambiente instável, onde o sujeito terá que realizar uma leitura constante do entorno na busca de adaptar suas ações motrizes, como a canoagem e surfe (Parlebas, 2001).

A terceira prática trata-se de um combate entre adversários em um ambiente estável e padronizado. São práticas sociomotrizes, sendo uma relação de oposição e contracomunicação. Nesse domínio as interações são antagônicas, logo, é importante que o jogador saiba ler o comportamento dos oponentes a fim de conseguir vantagem, enquanto torna suas ações confusas a fim de dificultar a leitura do adversário, como o judô e a esgrima (Fagundes; Ribas, 2017). A quarta refere-se a um combate entre adversários em um ambiente instável e flutuante, como por exemplo o windsurfing.

Em seguida, observa-se as práticas número cinco, denominadas também de sociomotrizes, com interação somente de cooperação (ausência de adversários), com comunicação e um meio estável. Essas práticas levam ao estereótipo motor e sociomotor, as quais necessitam de uma delicada coordenação gestual, como por exemplo o remo e a patinação em dupla. Já as práticas número seis são sociomotrizes com interação somente de cooperação (ausência de adversários), com comunicação e um meio instável. O ambiente é selvagem e perigoso, provocando inúmeras dificuldades e necessitando de uma solidariedade ativa, como no alpinismo (Schmidt, 2021).

Seguido, temos as práticas sociomotrizes, com interação de cooperação entre companheiros e oposição entre adversários (comunicação e contra-comunicação) em um espaço codificado e constante. A incerteza do meio está neutralizada e o enfrentamento torna-se um conflito de alianças e contralianças. São os jogos esportivos coletivos, como vôlei e futebol (Parlebas, 2001). Por último, as práticas sociomotrizes número oito apresentam a incerteza do ambiente somado com a cooperação e a oposição entres os participantes. Essas práticas se desenrolam comumente em um vasto espaço, menos codificado, como os grandes jogos ao ar livre (Parlebas, 2001).

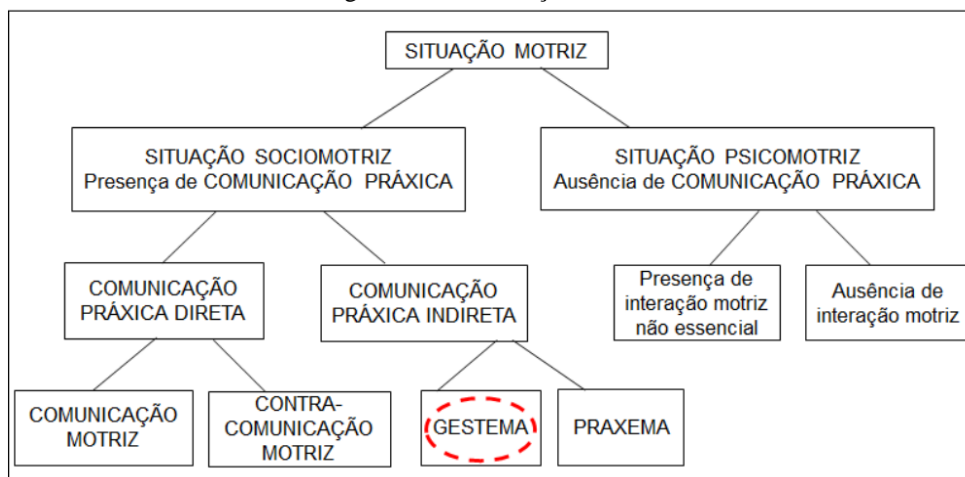
Como visto anteriormente na figura 1, a partir das interações com os demais jogadores as situações motrizes podem ser classificadas em: psicomotrizes (dois domínios) ou sociomotrizes (seis domínios). Nas práticas psicomotrizes os sujeitos não apresentam comunicação praxica, ou seja, não existe interação de oposição e nem de cooperação, possuindo assim uma ação individual. Já as situações sociomotrizes são aquelas que o sujeito interage com outros participantes durante a realização das suas ações motrizes, podendo estes ser companheiros ou adversários. Elas colocam em ações dinâmicas grupais, diferentes das práticas psicomotrizes, uma vez que o comportamento motor de um indivíduo influencia de maneira observável em um ou em vários participantes (Parlebas, 2016, 2001).

A Equoterapia, dentro do sistema CAI, trata-se de uma prática sociomotriz com relação somente de cooperação, sem oposição e adversários, exigindo a interação motriz de todos os agentes equoterápicos. Apresenta uma padronização, com um espaço estável e domesticado para as ações equestres.

Para uma melhor compreensão do funcionamento das práticas sociomotrizes, a comunicação praxica é um componente fundamental para a compreensão progressual das práticas, uma vez que essa visão orienta os jogadores sobre as melhores decisões a serem tomadas e a melhor forma de executar suas ações motrizes. Logo, ter uma comunicação praxica eficaz com elementos de interação entre os companheiros e estratégias de contracomunicação motriz torna a equipe mais ofensiva e com melhores resultados (Soares; Silva; Ribas, 2012).

Conforme a figura a seguir, a comunicação praxica trata-se de uma estratégia motriz determinada pelas interações que acontecem durante um jogo e se divide em duas grandes categorias: a comunicação praxica direta (comunicação e contracomunicação) e a comunicação praxica indireta (produção de gestemas e praxemas). Um exemplo da comunicação motriz são os passes e assistências, utilizados entre os companheiros a fim de se comunicarem e alcançarem um objetivo. Já a contracomunicação é estabelecida pelos oponentes a fim de interceptar estas ações, elaborando estratégias (produção de gestemas e praxemas) para que o propósito seja atingido (Parlebas, 2001; Soares; Silva; Ribas, 2012).

Figura 2- Comunicação Prática.



Fonte: Oliveira e Ribas (2021)

Os gestemas e praxemas fazem parte dessa abordagem semiológica que de acordo com Parlebas são chamados de universais e os classifica como “modelos operativos que representam as estruturas básicas de funcionamento de todo jogo esportivo e que são portadores de sua Lógica Interna” (Parlebas 1999, p. 431). Foi através dessa abordagem semiológica, que Parlebas apresentou os sistemas de ação dos jogadores, estipulando, assim como Saussure, “as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua”. Isto é, reconstruiu os diferentes modos de comportamento motor observados de maneira universal entre as práticas motrizes (Gomes-da-Silva; Sousa-Cruz; Arruda, 2019).

Entretanto para poder cumprir a tarefa de olhar essa abordagem praxiológica/semiológica de Parlebas (1981, 1999) na Equoterapia, vamos considerar esta dissertação dirigida pelo desafio de construir uma atividade semiológica equoterápica. Nesta atividade o que objetivamos é compreender a lógica interna dessa prática motriz dentro da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), isso de modo regulado via a PM, de uma maneira que possa facilitar a abordagem semiológica.

Para Parlebas (1981, 1999) um encontro motor possui um sistema central parecido com a linguagem verbal, que está fundada nas normas de uma situação motriz. Ele, desse modo, considera dois elementos fundamentais dentro dos praxemas e gestemas dentro de qualquer situação motriz/encontro motor: o significante e significado de uma mensagem motriz. O significante é a expressão material de uma mensagem motriz (o que ela representa corporalmente, ou seja, materialmente observado no comportamento motor). O significado é o conceito tácito/tácito representado pelo gesto ou ato motor. Essa concepção parlebasiana estabelece a semiologia motriz que é um dos pontos centrais no estudo praxiológico para compreender o sistema de qualquer situação motriz ou encontro motor (Ramos, 2007).

Importa destacar que para a presente dissertação serão utilizados os domínios “gestema” e “praxema” a fim de realizar uma análise semiológica da Equoterapia, identificando os signos presentes nesse encontro motor. Para decifrar os códigos motrizes que se manifestam a partir das condutas dos jogadores, principalmente os não verbais, utilizaremos a semiomotricidade, levando em consideração que todo participante emite sinais e decodifica situações práxicas (Parlebas, 2001).

Os gestemas são um conjunto de comportamentos, gestos e códigos utilizados em substituição da palavra a fim de transmitir uma informação aos jogadores. É uma forma de comunicação entre companheiros da mesma equipe com a intenção tátil ou relacional realizada através de gestos codificados e que necessita de colaboração entre os membros para encarar as situações de jogo. Podem ser classificados como: unívocos, quando as informações podem ser decodificadas por todos os jogadores, inclusive os adversários; e particulares quando as informações só podem ser decodificadas pelos jogadores da mesma equipe (Parlebas, 2001).

Já os praxemas são “conduta motriz de um jogador interpretada como um signo, cujo significante é o comportamento observável e cujo significado é o projeto tático correspondente a dito comportamento, tal e como é percebido” (Parlebas, 2001, p. 349). É a leitura corporal das condutas dos jogadores observadas e interpretadas como signo, podendo estes serem seus companheiros ou adversários. A decodificação de um praxema inicia-se na identificação dos papéis e subpapéis, observando os comportamentos e ações que cada um pode desempenhar durante o jogo. Realizar a leitura dos praxemas e entender sobre as características dos jogadores facilita as ações de cooperação dos companheiros e a antecipação das ações dos adversários. Vale ressaltar que não se destaca a técnica de maneira isolada e fracionada, mas de forma a compreender que os elementos dos subpapéis carregam significados fundamentais que influenciam nas ações seguintes durante o jogo (Parlebas, 2001; Schmidt, 2021).

Sendo assim, situamos, nesse sentido, o entendimento sobre a Praxiologia Motriz de Pierre Parlebas, explicitando os principais conceitos, a comunicação, interação e a lógica interna das situações motrizes. A seguir, utilizaremos esses conhecimentos a fim de correlacionar com a Equoterapia da UFRRJ, de modo a entender sobre suas normas de funcionamento e seu aspecto Educacional e inclusivo.

2.2 Equoterapia da UFRRJ, seu enfoque praxiológico e o caminho para um tipo de Equoterapia mais inclusiva

Neste tópico apresentamos os enfoques de Equoterapia que são trabalhados tradicionalmente nos espaços terapêuticos e/ou educacionais utilizados dentro da área da saúde e da educação. O enfoque médico, por exemplo, parte das atividades equoterápicas que se utiliza do cavalo e os seus efeitos terapêuticos e reabilitacionais. Esse enfoque se vale significativamente da estrutura médica como chave de atendimento a sujeitos com Necessidades Educacionais Específicas (NEE). Ele tem a área médica como um ambiente de origem (ANDE-BRASIL, 2022), e com isso, pode-se dizer que dentro desse enfoque a Equoterapia é utilizada como um método que serve para reabilitar os sujeitos com NEE e/ou corrigir problemas motores por meio do movimento tridimensional¹⁴ do cavalo.

Com o cunho reabilitacional, esse enfoque pautado no modelo médico reconhece que desde os primórdios da saúde humana utiliza-se o cavalo no tratamento de diversas patologias via ações terapêuticas. A começar por Hipócrates (460-377 a.c.), conhecido por ser o pai da medicina, já mencionava os benefícios da equitação para regenerar a saúde e preservar o corpo de enfermidades, sobretudo, no tratamento da insônia. Já o médico Mercurialis da Itália, em 1569, menciona os diferentes tipos de andadura do cavalo e os seus benefícios para o corpo, os sentidos e a motricidade humana (Silva; Da Silva, 2017; ANDE-BRASIL, 2022).

Avaliamos que este olhar histórico da Equoterapia se estruturou próximo da visão médica, pois nos mostra a tutela médica na garantia reabilitacional humana e no respaldo que o cavalo e o seu movimento têm na possibilidade de restaurar/preservar a saúde humana. Nessa perspectiva, o movimento do cavalo ao passo pode desempenhar a função terapêutica de recuperação de patologias crônicas de pessoas adoentadas.

A história da Equoterapia foi marcada pela utilização dessa forma de atendimento as pessoas adoentadas em ambientes hospitalares. Em 1901 foi criado o primeiro hospital ortopédico do mundo em virtude do grande número de feridos na guerra de Boers na África do Sul. A partir disso, uma dama inglesa, patronesse desse hospital, levou seus cavalos para lá a fim de proporcionar outros tratamentos para os mutilados, sendo realizado pela primeira vez o trabalho com Equoterapia em uma unidade hospitalar. Já em 1917, no Hospital Universitário de Oxford, criou-se o primeiro grupo de equoterapia a fim de atender os feridos da primeira guerra mundial (Silva; Da Silva, 2017; ANDE-BRASIL, 2022).

¹⁴ O movimento tridimensional é a combinação de uma série de movimentos sequenciados e simultâneos, que ocorrem em três planos e eixos: Plano vertical (superior-inferior), Plano longitudinal (anterior-posterior), Plano horizontal (direita-esquerda).

Com base neste enfoque médico, cabe ao mediador equoterápico o papel de tratar funcionalmente o movimento humano, trabalhando com a geração do movimento tridimensional que o cavalo produz. Desse modo, a mediação humana/equina é responsável pelo processo terapêutico do sujeito com NEE e o cavalo é o agente gerador desse movimento tridimensional, proporcionando o desenvolvimento nas esferas físicas, sociais, psicológicas e educacionais (Zamo; Trentini, 2016). Nesse enfoque, todos os atendidos na Equoterapia são nomeados praticantes, na medida em que interagem com o cavalo (ANDE-BRASIL, 2022).

Dentro dessa perspectiva que elencamos, a Equoterapia tem uma relação direta no tratamento de “patologias” e o trabalho do movimento do cavalo pode auxiliar os praticantes na sua reabilitação/terapêutica, pois supõe-se que o cavalo pode reabilitar capacidades físicas debilitadas. Essas pressuposições são importantes na Equoterapia, assim como é importante que o praticante revele a sua cultura, suas necessidades específicas, seu modo de ser, suas particularidades e a sua diversidade, já que a Equoterapia atende sujeitos com NEE.

Na proposição tridimensional que sinaliza o cavalo ao passo, nos diz que a pessoa que está sobre ele recebe uma série de estímulos mecânicos que representam uma semelhança de 95% do caminhar humano. Os movimentos e respostas equilibratórias que o praticante executa para se sustentar sobre o cavalo são os mesmos necessários para o andar humano, derivando-se da pelve, tronco, membros superiores e cabeça. Esses estímulos são conduzidos ao Sistema Nervoso Central (SNC) através das inúmeras terminações aferentes. Assim, o cérebro envia informações ao corpo a fim de obter novos ajustes motores por meio do comportamento adaptativo, resultante dos estímulos sensoriais da Equoterapia (Marcelino; Melo, 2006; Tessmann *et al.*, 2021).

O cavalo ao realizar o movimento tridimensional exige diversas respostas de equilíbrio e de retificação postural para que o praticante consiga permanecer sobre ele. Além disso, esses movimentos contribuem para o envio de estímulos específicos ao córtex, gerando alterações e reorganização do SNC, ajustes posturais, equilíbrio, coordenação motora, adequação do tônus muscular, dissociação de movimentos, consciência corporal, integração dos sentidos e estímulos sensoriais em forma de propriocepção, estimulação olfativa, visual e auditiva (Silveira; Wibeling, 2011; Lopes *et al.*, 2019; Chaves; Almeida, 2018).

As atividades equoterápicas consideram um tipo de cavalo treinado para gerar ações motrizes que agem sobre quem está montado, cumprindo a tarefa motriz de estimular as dimensões biopsicossociais do praticante. As ações motrizes do cavalo partem de sua andadura instintiva, o passo, tornando-o um agente cinesioterapêutico, visto que possui ações similares ao caminhar humano.

A proposição da Ande-Brasil (2022) de atingir as particularidades e potencialidades do sujeito que está sobre o cavalo dividiu a Equoterapia em quatro programas básicos: Hipoterapia¹⁵; Educação/Reeducação¹⁶; Pré-Esportivo¹⁷; e Prática Esportiva Paraequestre¹⁸, todos com finalidades terapêuticas, educacionais ou de inserção social. Importa destacar que para o presente estudo, o foco será voltado para os dois primeiros programas, visto que sofrem influência do modelo médico, propagando ações normalizadoras a fim de tratar e alterar as “deficiências” das pessoas. Além disso, é fundamental o diagnóstico/laudo médico, somado aos cuidados dos profissionais da saúde especializados, para que a deficiência possa ser “corrigida”. Nesses programas, o foco está na limitação e na dificuldade, com a intenção de reabilitar seus corpos e/ou comportamentos para o mais próximo da normalidade, a fim de que se encaixem nos padrões impostos pela sociedade (Mota; Bousquat, 2021).

No que tange a Equoterapia do ponto de vista legal, importa destacar que a Lei 13.810 (Brasil, 2019, p. 1) define a Equoterapia como “método de reabilitação que utiliza o cavalo em abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação voltada ao desenvolvimento biopsicossocial da pessoa com deficiência”.

Além disso, a Lei recomenda que para o desenvolvimento das atividades equoterápicas, independente do programa, deve-se preceder avaliação médica, psicológica e fisioterapêutica, necessitando de uma equipe multiprofissional e com atuação interdisciplinar. Em seu Art 3º, inciso I, recomenda que as atividades equoterápicas sejam orientadas por:

equipe multiprofissional, constituída por uma equipe de apoio composta por médico e médico veterinário e uma equipe mínima de atendimento composta por psicólogo, fisioterapeuta e um profissional de equitação (Brasil, 2019. p. 1).

Nota-se que a presente Lei define a prática como método de reabilitação, constituída obrigatoriamente de profissionais responsáveis pela reabilitação física ou comportamental. Vale ressaltar que a reabilitação é uma das especificidades da Equoterapia, que busca promover o bem-estar e a autonomia dos praticantes (BRASIL, 2019).

A proposta de considerar uma Equoterapia pautada no modelo social de deficiência é aquela que reconhece a deficiência como parte da diversidade humana, não como uma

¹⁵ Programa destinado a reabilitação de praticantes que não apresentam condições físicas e mentais para se manterem sob o cavalo, precisando de maior apoio da equipe durante todo o atendimento. O cavalo é usado principalmente como instrumento cinesioterapêutico.

¹⁶ É o programa para fins reabilitacionais e/ou educacionais, na qual o cavalo é utilizado como agente pedagógico, sendo indicada para pessoas que possuem o mínimo de autonomia na montaria, necessitando de pouco apoio do auxiliar lateral e guia.

¹⁷ Nesse programa, o praticante apresenta boas condições para agir e conduzir o cavalo, podendo praticar exercícios específicos de hipismo.

¹⁸ Programa esportivo voltado para indivíduos que apresentam boas condições para competir.

característica que necessita de correção ou cura. Dentro do enfoque mais educacional, que guia a Equoterapia da UFRRJ, compreendemos o aluno/praticante com NEE na sua individualidade específica, as particularidades individuais e coletivas, sem estigmatizar e subjugar as suas limitações humanas via o diagnóstico fechado dentro da área médica. Esse enfoque leva em consideração o sujeito de forma integral, com limitações que podem ser superadas, dependendo das condições pedagógicas fornecidas a ele (Becker; Anselmo, 2020).

Sendo assim, as mediações equoterápicas devem conscientizar os sujeitos com NEE dentro de suas capacidades e não de suas incapacidades, trabalhando o praticante como um todo, tanto pelo lado psíquico como pelo somático (Majewski; Oliveira, 2020). Dessa forma, o indivíduo montado sobre o cavalo vai equitar/educar/tratar as suas necessidades pedagogicamente. Isso no âmbito da perspectiva educacional vai beneficiar não só o desenvolvimento biopsicossocial, mas também sua autonomia e sua inclusão social.

Ao pensar na educação de sujeitos com NEE, sabe-se que o modelo médico foi marcado pelo período eugênico e pela marginalização social do deficiente, em que a deficiência era tida como castigo divino devido aos comportamentos inadequados dos pais e da sociedade. No período eugênico, as pessoas nascidas com deficiência na Grécia Antiga, Esparta e Roma, eram eliminadas através do abandono, exposição, afogamento ou atiradas de precipícios. Este período da marginalização foi marcado pela exclusão, na qual acreditavam que a pessoa com deficiência não era capaz de interagir socialmente. Eram objetos de compaixão, apelando para a caridade dos demais ou arriscando-se em atividades nas quais suas deficiências eram objeto de diversão (Menezes; Menezes; Menezes, 2016; Monteiro *et al.*, 2016).

Desse modo, o modelo médico enxergava os sujeitos com deficiência como inválidas e incapazes, necessitando dos cuidados da sociedade através dos recursos da medicina em favor da sua reabilitação e normalização. Foi marcado pela institucionalização, com o objetivo de tratar o deficiente, com ações assistencialistas e de caridade, indicando a intervenção terapêutica apropriada para cada paciente. Segundo Sousa (2020) essas instituições eram semelhantes a prisões e constituíam-se por serem espaços de moradia e trabalho para pessoas cegas e surdas, isolando esses sujeitos da vida em sociedade (Menezes; Menezes; Menezes, 2016). No contexto educacional, era oferecido a educação especial para sujeitos impedidos de frequentar a escola comum ou aqueles que apresentavam dificuldades e não conseguiam avançar no processo educacional, constituindo um cunho segregacionista, com um sistema paralelo ao sistema educacional regular (Ribeiro; Silva, 2019).

Em seguida, movimentos sociais intensificaram o debate sobre os malefícios da segregação, propondo um novo modelo escolar, no qual a intenção era que todas as crianças

com deficiência pudessem frequentar as escolas regulares. Com o fim da institucionalização, um novo conceito foi desenvolvido, o de integração, proporcionando os sujeitos com deficiência o acesso aos serviços e recursos, de modo que se modificassem e adaptassem, aproximando-se, do que era esperado de uma pessoa “normal” (Ribeiro; Silva, 2019).

A partir disso, na década de 1980, movimentos sociais iniciaram um debate acerca da necessidade de mudança em relação ao tratamento de pessoas com deficiência, alegando que a própria sociedade era a responsável por criar barreiras que impediam seu desenvolvimento e sua inserção social/escolar, através de espaços limitados, políticas segregacionistas e ações discriminatórias. Nesse momento, prevaleceu dentro da Educação o modelo social de deficiência, considerando a deficiência como um problema social e institucional (Ribeiro; Silva, 2019). Nesse modelo, entende-se que não é a deficiência que impede a participação social do sujeito, mas sim a estrutura da sociedade, que não foi construída de forma a considerar a diversidade humana (Cunha, 2021).

Desde então, o modelo social começou a guiar as políticas e medidas legislativas voltadas às pessoas com deficiência. Em 1994, a Organização das Nações Unidas publicou a Declaração de Salamanca, um marco internacional que reconhece a obrigação e premência de uma educação para sujeitos com NEE dentro do sistema regular de ensino, ressaltando que as escolas devem contemplar as necessidades de todos. O papel da escola é promover a inserção e permanência de alunos com NEE, de modo a contemplar a diversidade, o melhor ajustamento de suas características e a mediação educacional. A escola é o espaço educacional ideal para o desenvolvimento das dimensões biopsicossociais do aluno com NEE (Unesco, 1994).

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola (Unesco, 1994, p. 5).

A escola assume a importância de incluir todos os alunos, construindo modos, métodos e estratégias para se ajustar as necessidades específicas de cada aluno dentro do coletivo e da particularidade individual de cada um. Nesse sentido, é necessário que a escola esteja aberta a diferentes práticas pedagógicas inclusivas em que as matérias que estão dentro do seu corpo curricular estejam a serviço do aluno, buscando arranjos específicos às características

específicas para o aluno com NEE tentando olhar seus comportamentos diversificados, incluindo-as de modo heterogêneo no contexto da escola.

As práticas corporais fazem parte desses arranjos específicos, possibilitando a participação e a inclusão de sujeitos com NEE na escola. São práticas fundamentais no cotidiano escolar, pois oportunizam a cooperação, socialização, coletividade e o respeito entre as pessoas, independentemente de qualquer diferença. As práticas corporais realizadas nas aulas de Educação Física (EF) devem ser inclusivas e pautadas na cultura corporal, proporcionando aos escolares acesso a uma pluralidade de experiências, auxiliando na autonomia e levando em consideração o desenvolvimento integral do estudante, distanciando-se de práticas puramente tecnicistas (Lara; Pinto, 2017).

Buscamos destacar as bases epistemológicas da Equoterapia tradicional que nos apresentam atividades corpóreas para pessoas que precisam de práticas norteadas voltadas para as ciências da saúde. Nesses tipos de atividades, a pessoa se apresenta como um ser em “tratamento” para sua reabilitação física. Nosso objetivo central é olhar a função educacional da Equoterapia e o seu processo pedagógico sociomotriz, que em sua lógica interna pode dar oportunidades de interação educacional efetiva concomitantemente com o cotidiano escolar que o sujeito com NEE vive.

A nossa hipótese é que os meios médicos (fechado no diagnóstico do sujeito com NEE) têm como fundamento central o fato de considerarem a Equoterapia como uma ferramenta reabilitadora, o que significa privilegiar a ação do movimento tridimensional do cavalo. Em vista disso, a Equoterapia passa a ser percebida como um processo mecânico. A atividade equoterápica é algo individualizante centrada no mediador, independente dos fatores educacionais que forjam a história escolar do aluno/praticante com NEE.

Com relação a isto, Cruz afirma:

Compreendemos que o resignificado educativo das práticas sociais, da escola e das relações construídas no bojo dessas intercessões de saberes que nos direcionou ao favorecimento da superação das ‘limitações e incapacidades’ da deficiência com uma doença crônica para a expectativa transformadora do trabalho inter/multidisciplinar, desvendando novas saberes e práticas educativas, trazendo novos significados pedagógicas com a aproximação da pessoa com deficiência na escola, da sua comunidade local, sobretudo das crianças com necessidades especiais sendo incluídas (Cruz, 2016, p. 6).

Tal argumentação de Cruz se destaca como norteadora da Equoterapia da UFRRJ em que o processo equoterápico é encarado como uma atividade educacional complexa que considera a criança e seu mundo interior e exterior, considerando o seu cotidiano dentro e fora

da escola, seus conhecimentos, experiências, suas particularidades e não como uma tábula rasa (Cruz, 2016).

Buscamos apresentar um enfoque que nos ajude a sistematizar um tipo de Equoterapia para sujeitos com NEE da escola pública, gratuita e de qualidade. Neste tipo de Equoterapia o sujeito com NEE está integralmente incluído, o cavalo não é uma ferramenta reabilitadora, ele faz parte da pedagogia inclusiva. O aluno é considerado a partir das suas possibilidades de ações motrizes, valorizando suas especificidades educacionais, a partir do que é, da sua história.

Essas dimensões envolvem uma pedagogia processual. Nesse tipo de pedagogia propomos olhar a lógica interna equoterápica, pedagogizar condutas/comportamentos motores, discutir convenções e mudar estruturas em prol das necessidades específicas particulares e coletivas entre os agentes equoterápicos.

Assim, o professor Pierre Parlebas (1999) ideólogo da Praxiologia Motriz (PM), assevera que a Pedagogia corpórea surge a partir das ações motrizes dentro de situações motrizes que os homens criam em interação. Os homens criam cultura corpórea e assim se educam por meio de ações para jogar, brincar, dançar... As ações motrizes socialmente relevantes conferem a pedagogia motriz a sistematização desse conhecimento e a possibilidade de “pedagogizar” outras práticas corpóreas no universo da motricidade humana, como por exemplo, a Equoterapia.

Sendo assim, a inquietação central dessa dissertação é apresentar o processo equoterápico dentro da esfera praxiológica/pedagógica para os alunos NEE que estão dentro da escola pública. Reconhecemos que a Equoterapia tem uma função pedagógica inclusiva que desempenha mediações interativas do aluno/mundo escolar, ou seja, de um ponto de vista pedagógico interativo, em que alunos aprendem que o sentido da escola está na relação entre seu mundo biopsicossocial e a diversidade do cotidiano escolar.

Esse sentido envolve as atividades sociomotrizes. Essas atividades, no mundo equoterápico, têm características interativas entre alunos/cavalos/mediadores e estão situadas dentro de ações motrizes relacionais, elementares para atividades em que os alunos associam a escola como um lugar de interação permanente e contínua.

No que diz respeito a Equoterapia da UFRRJ, ela ocorre dentro de um contexto escolar, com um caráter educativo, estando a serviço de crianças e jovens com deficiência ou necessidades educacionais específicas (NEE) que estudam em um colégio público no município de Seropédica. O projeto tem como finalidade educacional a inclusão dessas pessoas por meio de atividades equestres de cunho interativo e lúdico, pautados na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva (PNEEPI) (Brasil, 2008), na qual visa garantir

o direito à participação social sem barreiras e com um ambiente acessível, promovendo a socialização entre os pares e ganho de autonomia.

A partir disso, busca-se reunir os conhecimentos da Praxiologia Motriz (PM), ciência criada por Pierre Parlebas e o enfoque educacional/inclusivo equoterápico, a fim de compreender a pedagogia sociomotriz da Equoterapia, sua logicidade interna e suas ações motrizes, com o objetivo de apresentar embasamento educacional distinto que norteiem as atividades e intervenções direcionadas para cada particularidade do aluno NEE

A Equoterapia é constituída pela interação entre cavalos e humanos, formando assim uma equipe, que juntos, interagem de forma a atender as necessidades específicas do aluno. Trata-se de uma prática sociomotriz que exige a interação motriz de todos os agentes equoterápicos, de forma que se comuniquem cooperativamente a fim de garantir o desenvolvimento integral do aluno com NEE e de evitar possíveis intercorrências durante a sessão advindas de sustos e das incertezas do meio externo.

Para isso, é fundamental que as ações existentes entre cavalos e humanos sejam totalmente cooperativas, não existindo condutas divergentes durante o processo interativo. Segundo Ramos (2020, p. 5):

[...] a Equoterapia é um acontecimento dentro de uma rede de interações contínuas, em que a situação que a marca é estritamente cooperativa entre os agentes, previamente planejada/processada por meio da harmonia grupal, com intercâmbio de ações sociomotrizes, em que a culminância será o interesse e cuidado aplicado na execução da tarefa sociomotriz do grupo como um todo.

Para o funcionamento da prática equoterápica há funções previamente definidos e que são caracterizados conforme as normas já estabelecidas, a qual define a atribuição de cada agente dentro dessa estrutura. Essas atribuições têm relação direta com o contrato ludomotor, apontando os direitos e deveres dos sujeitos na atividade motriz, na qual eles obedecem a funcionalidade das ações dentro das regras desse evento (Parlebas, 1996; Ramos, 2020).

Na Equoterapia os papéis podem sofrer alterações na forma de ver e ler a estrutura sociomotriz, exceto o papel do cavalo, que é o único capaz de gerar a ação motriz tridimensional. Além disso, a lógica interna da Equoterapia ressalta outros papéis, como o do mediador, o praticante, o auxiliar lateral e o auxiliar guia. Todos desencadeiam uma comunicação praxica, com situações cooperativas de encontros corpóreos que produzem ações interativas. Em todas as situações motrizes há uma produção semiológica, constituídas pelas ações motrizes (praxemas, gestemas e a linguagem verbal) das pessoas dentro de um contrato lúdico determinado pelas regras equoterápicas. Os praxemas são caracterizados pela leitura corporal de um adversário ou companheiro (toques e posturas); os gestemas são atitudes, gestos

ou comportamentos motores com a intenção de transmitir uma informação sem utilizar a palavra (beijos para o cavalo andar); a linguagem verbal é a fala e os possíveis ruídos. Desse modo, a equoterapia tem como evidência o acordo sociomotor desses signos corpóreos (Parlebas, 2001; Ramos, 2020).

O plano sociomotor da Equoterapia é composto pelas interações de colaboração entre todos os agentes equoterápicos, sem oposição, sem adversário e com um ambiente padronizado para ações equestres. Essa logicidade interna permite um nível de intimidade nas relações com a equipe, uma vez que o praticante necessita de uma interação de proximidade corpórea com todos os agentes. Esse encontro corpóreo entre a equipe constitui condutas motrizes pedagogizadas, formando uma tarefa motriz cooperativa e generosa que sustenta ou substitui a linguagem verbal, controlando as interações e influenciando nos papéis. Porém, é fundamental que a equipe conheça as inúmeras ações implícitas no mundo equoterápico, através de decisões cooperativas que demonstrem com clareza as condutas motrizes dialógicas entre os agentes (Ramos, 2020).

Sendo assim, a Praxiologia Motriz é uma ciência apropriada para discutir e analisar o contexto da Equoterapia, uma vez que permite o conhecimento acerca da sua lógica interna, os papéis, os signos, mensagens corpóreas e os comportamentos. Esses comportamentos devem ser compreensíveis e bem estruturados a fim de impedir os possíveis riscos. A Equoterapia é um encontro motor com característica sociomotriz de cooperação, sem oposição, com a intenção de possibilitar a inclusão dos alunos/praticantes, geralmente sujeitos com necessidades específicas, para que vivenciem um saber fazer equestre solidário, inclusivo, terapêutico e educacional.

A Equoterapia toma para si o reconhecimento de ser uma prática realizada ao ar livre, em contato com a natureza e que se diferencia do tratamento clínico convencional, possibilitando maior sensação de prazer e vínculo entre a equipe, praticantes e cavalos. Porém, é fundamental que o espaço seja seguro, sem ruídos, acessível e com instalações e materiais adequados (Eckert, 2013; Souza; Silva, 2015). Além disso, a interação com o cavalo, incluindo o primeiro contato, o ato de montar e o manuseio final, desenvolvem a relação de cuidado, afetividade, autonomia e autoconfiança (Cerqueira; Costa, 2019).

O uso dessas ações na Equoterapia permite a PM compreender suas atividades equestres no mundo educacional dessa prática. Enquanto a mediação equoterápica realiza pedagogicamente a educação das ações motrizes atuando na cultura corpórea, a PM busca compreender a lógica interna de uma situação motriz como a Equoterapia. A análise praxiológica é mediada pela semiomotricidade que acontece no sistema de uma prática motriz,

no nível das condutas motrizes que irão construir as ações que irão estruturar o encontro motor (Ramos, 2007). Por conta disso, que a Equoterapia pode ser considerada uma prática motriz a ser investigada, como também reestruturada em favor de prática eminentemente educacional.

As condutas motrizes da Equoterapia, os gestos, as técnicas com o cavalo, os estímulos, a condução do cavalo, os amparos motores para a pessoa sobre o cavalo, o ensino e a aprendizagem de condutas motrizes e todo tipo de ações normalizantes da Equoterapia são considerados signos motrizes que dão estrutura a essa prática possuindo características funcionais que podem ser investigadas.

Essas condutas são os princípios básicos das atividades equoterápicas. São também os fundamentos norteadores da teoria praxiológica de Pierre Parlebas. Parlebas (1999) assevera que as práticas motrizes são mediadas por signos motores. O ponto de partida do autor francês é o encontro motor onde as pessoas que jogam, brincam, lutam ou dançam realizam um processo de dar sentido e compartilham experiências reais e concretas.

Desse modo, Parlebas (1999) busca no mundo vivencial motor, as relações concretas entre as pessoas que se encontram para realizar uma tarefa motriz. Para ele, o sujeito que joga utiliza signos motores dentro de um encontro motor e com isso funda a ciência da ação motriz a PM para compreender esse processo.

Nas nossas observações propomos compreender os signos motores que os agentes equoterápicos executam nos atendimentos educacionais na Equoterapia da UFRRJ. Nesta pesquisa, o papel do outro por meio das interações sociomotrizes vão se constituindo um tipo de Equoterapia para atender as necessidades específicas dos sujeitos com NEE (Parlebas, 1999; Ramos, 2020). Nesta pesquisa, a perspectiva inclusiva (Brasil, 2008) é fundamental para ver as particularidades individuais de alunos com NEE de uma escola pública internalizando a estrutura de uma Equoterapia Educacional. Serão os agentes equoterápicos da Equoterapia da UFRRJ que nos guiaram os elementos pedagógicos significativos, os quais se constroem uma Equoterapia pedagogizada.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Apresentam-se neste capítulo os aspectos referentes ao percurso metodológico adotado neste estudo, bem como o tipo de pesquisa, os aspectos éticos, participantes, descrição do projeto Equoterapia educacional e escola, instrumentos de coleta de dados, procedimentos de coleta de dados e análise dos dados.

3.1. Tipo de Pesquisa

A presente pesquisa se caracteriza por um estudo de caso, de natureza qualitativa, do tipo descritiva e exploratória, em que a pesquisadora foi ao campo nos meses de maio, junho e julho.

Segundo Freitas e Jabbour (2011) o estudo de caso é uma pesquisa empírica que analisa um fenômeno recente dentro do contexto real do fenômeno. Ele é utilizado para entender de forma ampla uma temática, permitindo ao pesquisador compreender e detalhar as características e os detalhes observados sobre determinado grupo/assunto. Para Gil (2002) um estudo de caso constitui-se no estudo de um ou poucos objetos de maneira extenuante e detalhada, na qual permite seu conhecimento de forma abrangente, aprendendo a totalidade de uma situação.

Nesse sentido, o estudo de caso é desenvolvido a partir de fontes de dados, podendo estas serem: observação, entrevistas e pesquisas com diferentes arquivos, sejam públicos e/ou privados. É amparado por um suporte teórico que conduz as questões e proposições da pesquisa, agrupando um conjunto de informações obtidas através de variadas fontes de levantamento de dados (Freitas; Jabbour, 2011). Utiliza-se o estudo de caso com diferentes finalidades, tais como a:

exploração de situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) preservar o caráter unitário do objeto estudado; c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e d) formular hipóteses ou desenvolver teorias (Gil, 2002, p. 54).

Embora um Estudo de Caso também possa ter uma natureza quantitativa, a presente dissertação apresenta um cunho qualitativo, buscando compreender o fenômeno em estudo, considerando as principais características do projeto, o ponto de vista dos bolsistas envolvidos e todas as perspectivas relevantes. Ele se justifica na presente dissertação pois, para nós é um método mais apropriado para conhecer e detalhar as características e particularidades de um tipo de Equoterapia Educacional da UFRRJ. Além disso, é conduzido através de casos múltiplos, com a coleta de dados englobando toda a amostra de bolsistas do projeto, permitindo um estudo mais robusto e com ampla base para generalização.

3.2. Aspectos Éticos

A pesquisa de campo só iniciou após a obtenção da assinatura do Termo de Anuência Institucional (TAI) (Anexo A), bem como a aprovação do comitê de ética em pesquisa com seres humanos, vinculado ao sistema CEP/CONEP, sob registro CAAE: 76747624.2.0000.0311 (Anexo B). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e Termo de Autorização de Uso de Imagens e Voz (Apêndice B).

3.3. Participantes

A investigação foi executada junto aos bolsistas PROAES¹⁹ e FAPERJ²⁰ da Equoterapia da UFRRJ, na qual recebem bolsa para auxiliar no trabalho de cuidados, manejo e atendimento equoterápico. São dez bolsistas que atuam semanalmente como mediadores, auxiliares e condutores dos cavalos no projeto: “A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola” da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Dentre esses dez bolsistas, duas são professoras do Município de Seropédica que atuam como orientadoras educacionais e pedagógicas e oito são alunos/bolsistas PROAES e FAPERJ, cursando Educação Física, Medicina Veterinária, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica e Direito. Este número de bolsistas se deve ao fato de estarem atendendo escolares de uma escola pública²¹ selecionada pelo edital FAPERJ, sob responsabilidade do professor José Ricardo da Silva Ramos, proponente e coordenador do projeto.

A pesquisa teve como critério de inclusão ser bolsista do projeto “A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola” e atuar semanalmente durante os atendimentos. Como critério de exclusão, bolsistas que não apresentarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinados. Este bloco da pesquisa buscou essa relação de aproximação da entrevista, como também observar as suas ações no interior do projeto equoterápico.

¹⁹ Os bolsistas da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRRJ recebem bolsas Auxílio Pedagógico para atuarem na Equoterapia da UFRRJ. Essas bolsas são destinadas aos estudantes com renda familiar per capita igual ou inferior a um salário mínimo e meio (valor vigente no país). São alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação presenciais nos campi de Seropédica, tendo por finalidade auxiliar no trabalho de cuidados, manejo e atendimento equoterápico.

²⁰ As bolsas referentes a FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) são devido à submissão e aprovação do Projeto “A equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola” no EDITAL Nº 45/2021 - PROGRAMA “APOIO À MELHORIA DO ENSINO EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA SEDIADAS NO RIO DE JANEIRO - 2021”.

²¹ Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Paulo Dacorso Filho, escola sediada no Estado do Rio de Janeiro.

3.4. Descrição do Projeto de Equoterapia Educacional e Escola

Este tópico se caracteriza sobre o local em que os atendimentos da Equoterapia são realizados. Investigamos assim o Centro Integrado de Atenção à Criança (CIAC) que desde o ano de 1991 era situado no campus que UFRRJ onde era e também foi o palco de muitas vivências pedagógicas dos estudantes dos cursos de licenciatura da UFRRJ. Posteriormente, a proposta foi alterada para a criação de um CAIC, ao invés de CIAC. Em 1993 foi inaugurado e em 1994 iniciaram-se as atividades no CAIC Paulo Dacorso Filho, com turmas da educação infantil ao 9º ano do ensino fundamental (Frade, 2021).

Inicialmente, o CAIC Paulo Dacorso Filho foi dirigido em parceria triádica entre UFRRJ (gestora principal), Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e Prefeitura de Itaguaí. Em seguida, com a emancipação do Município de Seropédica, a parceria se estabeleceu somente com a Secretaria de Estado. Somente no ano de 2005, os gestores de Seropédica firmaram parceria com a UFRRJ para o funcionamento da Unidade Escolar (Reitoria UFRRJ, 2023).

Figura 3- Espaço em que os atendimentos eram realizados no CAIC Paulo Darcoso.

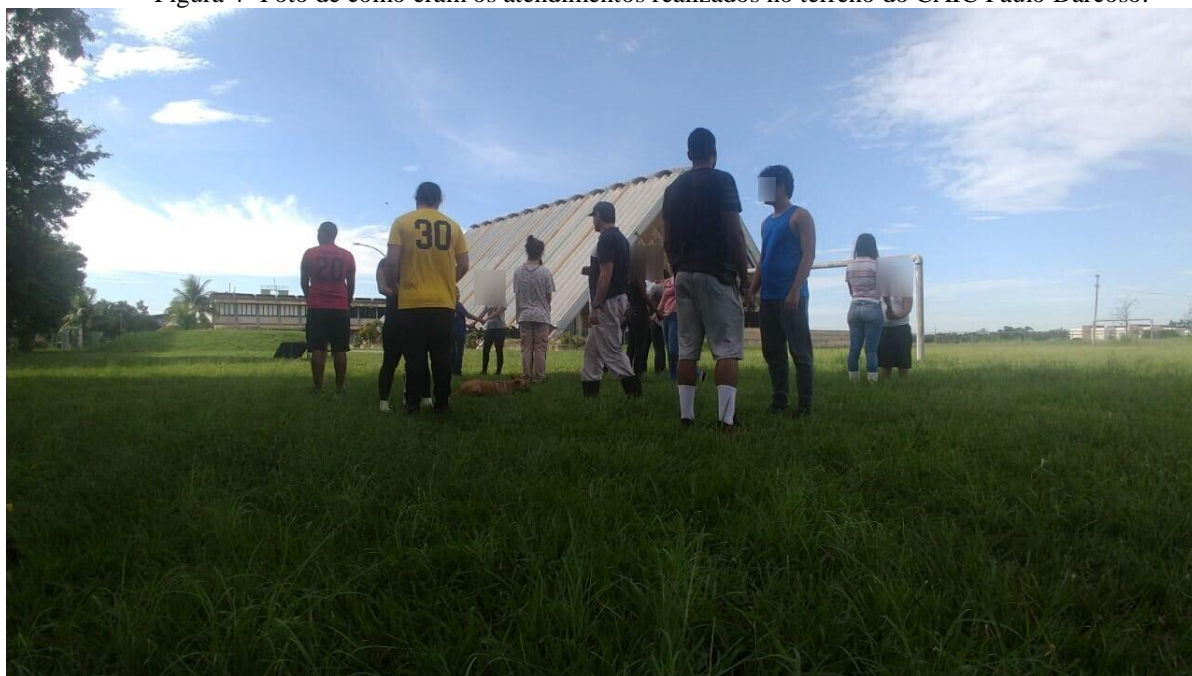


Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2018).

Como foi dito anteriormente, a presente escola situava-se dentro do campus da UFRRJ, localizada na cidade de Seropédica/RJ. O projeto de Equoterapia da UFRRJ acontecia em parceria com o CAIC Paulo Darcoso Filho, tendo seus alunos com necessidades específicas atendidos pela equipe equoterápica. Os atendimentos eram realizados no próprio terreno da

escola, uma vez por semana, em um ambiente arborizado e rico de estimulações sensoriais. Os agentes equoterápicos (cavalos) eram alimentados e higienizados antes das sessões e encaminhados para a escola. Os alunos atendidos eram liberados das aulas nos seus respectivos horários de atendimento e retornavam assim que a sessão encerrava.

Figura 4- Foto de como eram os atendimentos realizados no terreno do CAIC Paulo Darcoso.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2018).

No ano de 2020, com a queda de uma marquise no interior da escola, uma equipe técnica da própria UFRRJ avaliou a situação do espaço e informou, através de um parecer técnico, que o prédio precisava ser interditado. Isso se deu, segundo os técnicos da UFRRJ, devido a estrutura da escola estar deteriorada, necessitando assim de evacuação do local com certa urgência. Diante disso, a fim de abrigar os alunos do CAIC Darcoso Filho, foi pensado em um novo espaço, o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Brizolão 155 - Maria Joaquina de Oliveira, localizado na Estrada Rio São Paulo, S/N, km 49, no Centro de Seropédica - local esse que até então, seria temporário. Porém, atualmente, quatro anos depois, as aulas dos alunos do CAIC continuam acontecendo no CIEP.

Por conta dessa mudança de local, os atendimentos equoterápicos estão sendo realizados semanalmente em um espaço aberto no SINTUR²² (Sindicato dos Trabalhadores em Educação), dentro do campus da UFRRJ em Seropédica, no Estado do Rio de Janeiro. Além disso, por

²² O Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SINTUR) foi criado por professores que entendiam ser necessário uma organização que defendesse seus interesses. Seu espaço fica localizado dentro da Universidade, no campus Seropédica, com uma área ampla e arborizada.

vezes os atendimentos são realizados no pátio do próprio CIEP, sem a presença dos cavalos, através de atividades cooperativas de interação entre os alunos, discentes do Curso de Licenciatura em Educação Física²³, bolsistas PROAES e FAPERJ e os agentes equoterápicos.

Figura 5- Foto do espaço em que os atendimentos são realizados no SINTUR.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2018).

Os alunos/praticantes chegam ao projeto com ônibus cedido pela prefeitura de Seropédica, facilitando assim o deslocamento do CIEP para a UFRRJ em dias de atendimento. Uma vez que a prática Equoterápica acontece 1x na semana, no horário de aula dos estudantes, essa parceria é fundamental para que os alunos consigam sair todos juntos da escola e retornem para suas aulas no horário estipulado.

3.5 Instrumentos de Coleta de Dados

A intenção da pesquisadora é desvendar gestos e ações motrizes (gestemas, praxemas e o código semimotriz) por meio da observação e do discurso dos alunos bolsistas da UFRRJ. E essas ações motrizes nos revelaram questões interessantes que tenderam a procurarmos por meio da análise desses conteúdos motores, a verbalização sobre a prática equoterápica dos sujeitos da nossa pesquisa.

Nesse sentido, inicialmente, utilizou-se uma entrevista semi-estruturada com perguntas

²³ O professor e coordenador do Projeto de Equoterapia UFRRJ ministra a disciplina “ Prática de Ensino” para alunos da graduação no campus Seropédica. A preocupação central dessa disciplina é trabalhar o ensino de Educação Física nos primeiros segmentos da escola básica. O professor José Ricardo da Silva Ramos baseia suas aulas em planejamentos inclusivos buscando auxílio no trabalho equoterápico.

e respostas tendo como base o jogo maiêutico²⁴. Para realizar as entrevistas, foi indispensável criar um esquema orientador que, como sugere seu nome, direcionou o processo. No entanto, esse esquema precisou ser utilizado de forma flexível. Com isso, percebeu-se que os bolsistas se preocupavam com seus atendimentos aos alunos com NEE do CAIC Paulo Dacorso Filho. Todos buscavam atingir a particularidade dos seus alunos, complementando com estudos e encontros acadêmicos dentro e fora da UFRRJ sobre Educação Inclusiva, Equoterapia e atendimentos para o público NEE.

A coleta de dados foi realizada nos meses de maio, junho e julho de 2024, em encontros presenciais e online para as entrevistas individuais e em grupo, no próprio campo de pesquisa, somado a observação dos atendimentos e registro em diário de campo. As entrevistas aconteceram de forma online e/ou presencial, com agendamento prévio de datas em dias e horários previamente combinados, que tomou como base um roteiro semiestruturado. O roteiro foi dividido em três blocos representativos de questões, sendo o primeiro bloco sobre questões a fim de conhecer o perfil dos estudantes e as principais características do projeto. O segundo bloco refere-se ao planejamento dos atendimentos e da estruturação das sessões. O terceiro bloco é referente ao trabalho inclusivo. Importa destacar que todas as entrevistas foram gravadas utilizando o recurso de gravação digital de áudio para a captura das falas, preservando a individualidade e o anonimato dos participantes. Os nomes apresentados ao longo dessa dissertação são todos fictícios, isto é, criados com a intenção de proteger a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

Em seguida, segue o roteiro para a coleta de dados dos bolsistas da Equoterapia:

- **1º BLOCO (Características Gerais)**

Este primeiro bloco buscou-se discutir junto com os sujeitos da pesquisa (bolsistas da PROAES-UFRRJ e FAPERJ) questões que falavam sobre a experiência equoterápica, espaço físico de atendimento, frequência nas sessões e o tempo destinado aos atendimentos. Em seguida, as oito perguntas que fazem parte do primeiro bloco da entrevista foram:

1. Qual é o seu curso/formação?
2. Qual seu período?
3. Está a quanto tempo no projeto?
4. Como você entrou para o projeto?
5. Teve experiências prévias com a Equoterapia?

²⁴ Esta metodologia consiste na contínua elaboração de perguntas (e suas respectivas respostas) de modo que o participante crie uma conceituação geral de um objeto e seja levado a refletir sobre um assunto que acredita conhecer (Oliveira; Hounsell; Gasparini, 2016).

6. Tem uma formação complementar para trabalhar com alunos com NEE?
7. Como é o espaço que vocês realizam as atividades?
8. Quanto tempo dura o atendimento?

- **2º BLOCO (Necessidades específicas e estratégias equoterápicas)**

No segundo bloco foram discutidas questões acerca das principais habilidades trabalhadas durante a prática equoterápica, quais as necessidades específicas dos praticantes, as atividades realizadas e as estratégias utilizadas para alcançar as particularidades de cada sujeito. Além disso, buscou-se entender se os bolsistas buscavam conhecimentos da Educação Inclusiva durante os atendimentos e como eles planejavam e construíam suas sessões. A seguir, as sete perguntas do segundo bloco:

1. Quais são as competências/habilidades trabalhadas na Equoterapia?
2. Procuram atingir a necessidade específica da criança com NEE? Qual é a NEE?
3. Quais estratégias equoterápicas utilizam para trabalhar essa necessidade? Quais recursos pedagógicos?
4. Em que baseiam suas atividades? Quais são os conteúdos equestres/escolares trabalhados na Equoterapia?
5. Buscam conhecimentos na Ed. Especial/Inclusiva para atender os alunos?
6. Como planejam suas aulas para atender os alunos com NEE na Equoterapia?
7. Como constroem as aulas/sessões?

- **3º BLOCO (Trabalho inclusivo)**

O terceiro bloco de perguntas refere-se ao trabalho inclusivo desenvolvido pelos bolsistas, buscando compreender como é realizado a interação entre Equoterapia e Escola, as principais diferenças entre a Equoterapia Educacional da UFRRJ e os outros centros de Equoterapia, como as sessões dialogam com a Educação Inclusiva e o papel da turma “prática de ensino” (do curso de Licenciatura em Educação Física) durante os atendimentos. Em seguida, as quatro perguntas do terceiro e último bloco:

1. Trabalham conjuntamente com a escola? Como é o trabalho de interação com a escola? A produtividade dos trabalhos em relatórios?
2. O que diferencia esse projeto dos outros centros de Equoterapia?
3. Como as sessões equoterápicas dialogam com a Educação Inclusiva?
4. Qual o papel da turma “prática de Ensino” durante as sessões de Equoterapia?

Os encontros para as observações das sessões equoterápicas aconteceram a fim de compreender os praxemas, gestemas e as ações motrizes presentes no mundo equoterápico. A pesquisadora também utilizou o diário de campo, instrumento fundamental que auxilia no registro e em futuras consultas aos elementos coletados. O diário de campo possibilita o registro e tradução de diversas situações ocorridas, sem que passe despercebido detalhes importantes para a pesquisa. Além disso, posteriormente, facilita no aprofundamento das análises e dos dados coletados (Khaoule; Carvalho, 2013).

Os registros em diário de campo foram realizados nos atendimentos de todos os praticantes do projeto: 1x por semana, durante 3 meses. As fotos e vídeos foram feitas pela pesquisadora em alguns momentos dos atendimentos, uma vez que todos os envolvidos preencheram o Termo de Autorização do Uso de Imagens e Voz. Após a utilização desse material no diário de campo, os mesmos foram excluídos, sendo empregados exclusivamente no presente estudo.

3.6 Procedimentos de Coleta de Dados

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, a pesquisadora compareceu ao local de execução do Projeto, em dia de atendimento, apresentando para o grupo a proposta de estudo e o convite a participação. Os bolsistas foram, num primeiro momento, contactados de forma individualizada para a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz. Após concordância e assinatura de todos os termos, os bolsistas deixaram seus respectivos números e e-mails para que a pesquisadora pudesse acessá-los. Em seguida, foram marcadas as entrevistas semi-estruturadas, algumas de forma presencial, outras online, sempre respeitando o local e o horário de preferência do bolsista.

Importa destacar que não tivemos dificuldades para encontrar os bolsistas PROAES e FAPERJ, uma vez que o primeiro contato foi realizado por meio do orientador da pesquisa. Esta foi a maneira mais simples de conseguir inserir os participantes na pesquisa. Os bolsistas sempre solícitos mostraram-se abertos a participarem da pesquisa.

Após a concordância e assinatura de todos os termos, a pesquisadora entrou em contato com todos os bolsistas e encontrou com eles durante, antes e depois do atendimento equoterápico no Sintur. Alguns deles deram entrevistas no local de atendimento, outros na Sede da Equoterapia ou em encontros combinados entre pesquisadora/entrevistado até mesmo de forma não presencial, em dias diferentes e duraram aproximadamente 50 minutos cada. Para maior confiabilidade da pesquisa, todas as dez entrevistas tiveram o áudio gravado (todos os

bolsistas permitiram), foram transcritas imediatamente na íntegra e, posteriormente, submetidas à análise.

Para a coleta dos dados, utilizou-se a estratégia de um estudo de caso, com levantamento bibliográfico, diário de campo, observações das sessões equoterápicas e entrevistas semiestruturadas com os bolsistas participantes do projeto: “A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola”.

3.7 Análise dos Dados

Para esta fase da pesquisa, a fim de analisar os dados coletados no presente estudo, utilizou-se a Análise de Conteúdo, propriamente a Técnica de Análise Categorial (Bardin, 2011) e abordados a partir do referencial teórico.

Segundo Bardin (2011) a Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas para analisar as comunicações por meio de procedimentos ordenados e minuciosos utilizados na descrição das mensagens, sejam quantitativas ou não, que viabiliza as inferências de conhecimentos. É entendida como uma série de instrumentos metodológicos, em contínuo aprimoramento, com a intenção de analisar diferentes aportes de conteúdo, sejam eles verbais ou não-verbais, através de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados.

Trata-se de uma técnica de pesquisa que tem como finalidade realizar inferências do conteúdo replicáveis ao seu contexto social. O pesquisador categoriza as unidades de texto correspondentes, inferindo uma expressão que as representem. O método compreende três etapas: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e interpretação dos dados (Bardin, 2011).

Para Bardin (2016) a pré-análise trata-se da leitura, organização e preparação do material coletado. Iniciou-se com a leitura flutuante, sendo esta o primeiro contato da pesquisadora com os documentos coletados, criando ligação com as possíveis hipóteses, com o referencial teórico e com os objetivos do estudo. Em seguida, foram selecionados os documentos que formaram o *corpus* da presente pesquisa, sendo este as entrevistas com os bolsistas da Equoterapia da UFRRJ e as observações em diário de campo, respeitando a regra da exaustividade (não deixando de fora nenhum elemento considerado importante), da representatividade (a amostragem representou todo o universo da Equoterapia da UFRRJ), unidade (os documentos atenderam aos critérios de escolha) e pertinência (os documentos incluídos relacionam-se com os objetivos da pesquisa). Somado a isso, foram realizadas a reprodução e transcrição das gravações produzidas durante as entrevistas.

A segunda fase, conhecida como exploração do material, acontece a codificação dos

dados, na qual ocorre a transformação dos dados brutos do texto em unidades de análise (unidade de contexto e unidade de registro). O processo de codificação do presente trabalho foi realizado de forma fechada, com a pesquisadora empregando as categorias a priori a fim de identificar a presença de determinados conceitos ou contextos similares (Bardin, 2016). As categorias foram pensadas a partir dos objetivos e do referencial teórico, sendo: Equoterapia Tradicional/Educacional (1); Sociomotricidade (2); Educação Inclusiva (3). Vale ressaltar que as unidades de contexto são as perguntas realizadas durante as entrevistas (bloco 2 e 3), enquanto as unidades de registro estão relacionadas com as palavras mais frequentes nas respostas dos bolsistas da Equoterapia da UFRRJ.

A terceira e última etapa refere-se ao tratamento dos dados obtidos para a discussão dos resultados. Todos os materiais foram organizados e sistematizados em três blocos, sendo o primeiro “Equoterapia Tradicional/Educacional”, o segundo “Sociomotricidade” e o terceiro Educação Inclusiva (3). No quadro a seguir, apresentamos os resultados descritos em quadros com extração de dados a partir das categorias definidas a priori, das unidades de contexto (perguntas da entrevista) e das unidades de registro (respostas dos bolsistas).

Quadro 1- Unidades de contexto e Unidades de registro.

CATEGORIAS	UNIDADES DE CONTEXTO (BLOCO 2 E BLOCO 3)	UNIDADES DE REGISTRO (BLOCO 2 E BLOCO 3)
EQUOTERAPIA TRADICIONAL/ EDUCACIONAL	<p><u>BLOCO 2:</u></p> <p>1) Quais são as competências/habilidades trabalhadas na Equoterapia?</p> <p>2) Procuram atingir a necessidade específica da criança com NEE? Qual é a NEE?</p> <p>3) Em que baseiam suas atividades? Quais são os conteúdos equestres/escolares trabalhados na Equoterapia?</p>	<p><u>BLOCO 2:</u></p> <p>1) Conteúdos pedagógicos, interação social e socialização.</p> <p>2) Interação social, comunicação, dificuldades cognitivas, de aprendizagem e motora.</p> <p>3) Na interação social do grupo e nas dificuldades de aprendizagens apontadas pelos professores.</p>
SOCIOMOTRICIDADE	<p><u>BLOCO 2:</u></p> <p>1) Quais estratégias equoterápicas utilizam para trabalhar essa necessidade? Quais recursos pedagógicos?</p>	<p><u>BLOCO 2:</u></p> <p>1) Atividades de alfabetização, pedagógicas, quebra cabeça, jogo da memória, rodas inclusivas e brincadeiras cantadas.</p>
EDUCAÇÃO INCLUSIVA	<p><u>BLOCO 2:</u></p> <p>1) Buscam conhecimentos na Ed. Especial/Inclusiva para atender os alunos?</p> <p>2) Como planejam suas aulas para atender os alunos com NEE na Equoterapia?</p> <p>3) Como constroem as sessões?</p> <p><u>BLOCO 3:</u></p> <p>1) O que diferencia esse projeto dos outros centros de Equoterapia?</p> <p>2) Trabalham conjuntamente com a escola? Como é o trabalho de interação com a escola? A produtividade dos trabalhos em relatórios?</p> <p>3) Como as sessões equoterápicas dialogam com a Educação Inclusiva?</p> <p>4) Qual o papel da turma “prática de Ensino” durante as sessões de Equoterapia?</p>	<p><u>BLOCO 2:</u></p> <p>1) Sim, todos buscam esses conhecimentos através da leitura de artigos, cursos, apresentação de trabalho e discussão nas reuniões semanais do projeto.</p> <p>2) Através da observação das particularidades individuais e coletivas, de reuniões semanais e construção do planejamento em grupo.</p> <p>3) As sessões são construídas em grupo a partir das observações semanais e dos feedbacks dos professores.</p> <p><u>BLOCO 3:</u></p> <p>1) O diferencial é a parceria com a escola, sendo seu foco em aprimorar a parte pedagógica do aluno, garantindo sua inclusão.</p> <p>2) Sim. A Equoterapia e a escola trabalham juntos, buscando sempre o desenvolvimento dos alunos e a superação das suas dificuldades.</p> <p>3) Buscamos que esses alunos tenham acesso, participem e aprendam, independentemente das diferenças.</p> <p>4) Eles pensam e aplicam as atividades, assim como participam das práticas como alunos, ajudando na socialização com os praticantes.</p>

Fonte: a autora (2025)

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo está articulado a prática equoterápica da UFRRJ e a epistemologia praxiológica. Buscamos, desse modo, desvendar pistas semiológicas entre observações e falas dos bolsistas da Equoterapia da UFRRJ que nos ajudaram a compreender a lógica interna de um tipo de Equoterapia educacional e inclusiva.

Inicialmente, é fundamental conhecer e descrever as características gerais dos dez participantes bolsistas do projeto de Equoterapia Educacional da UFRRJ. Importa destacar que todos os nomes citados ao longo do texto são fictícios, criados a fim de preservar e proteger a identidade dos participantes da pesquisa. Posto isso, temos duas professoras que atuam no Município de Seropédica e oito estudantes de graduação da UFRRJ. Observou-se que dentre as duas professoras, temos a Lúcia que atua há três anos como psicopedagoga no projeto de Equoterapia. Já a Carla atua como Orientadora Educacional e participa do projeto há dois anos. Lúcia já participou do projeto entre 2012 e 2016, retornando em 2021, enquanto Carla nunca teve experiências prévias com a Equoterapia. Para a seleção das professoras no projeto, as duas participaram do Edital FAPERJ e foram selecionadas pela direção da escola, uma vez que já tinham formação complementar para trabalhar com alunos com NEE.

Todos os bolsistas fazem o trabalho de mediação equoterápica com os alunos com NEE do projeto. Eles têm capacitação continua do Coordenador e constroem diversas atividades tentando engendrar uma lógica equoterápica que atendam principalmente os alunos autistas, que constituem o maior número de alunos do projeto. Eis aqui os sujeitos da pesquisa: José está no sétimo período e atua no projeto há um ano e três meses; Hugo cursa o 11º período e faz parte do projeto há um ano; Cláudia está no nono período e um ano e seis meses no projeto; Fernando cursa o nono período e participa há dez meses do projeto. Marcos cursa o quarto período e está no projeto um ano e oito meses. Erika cursa o sexto período e faz parte do projeto há um ano. Tadeu também cursa o nono período e faz parte do projeto há um ano. A Joana está no sétimo período e está no projeto um ano e seis meses. Vale ressaltar que todos os estudantes bolsistas não tiveram experiências prévias com a Equoterapia e entraram para o projeto através de indicação de amigos ou por meio do convite do professor José Ricardo da Silva Ramos. Todos os cursos foram omitidos do presente trabalho a fim de preservar a identificação dos bolsistas.

Sendo assim, optamos por organizar a apresentação dos resultados e discussão em três tópicos de análise dos dados, sendo: Tópico 1: Equoterapia Tradicional/Educacional; Tópico 2: Sociomotricidade; Tópico 3: Educação Inclusiva. Para melhor visualização e entendimento, as

perguntas e respostas dos bolsistas foram organizadas de forma expositiva e resumida no Apêndice C e Apêndice D respectivamente.

4.1. Equoterapia Tradicional/Educacional

A Equoterapia da UFRRJ realiza um trabalho educativo e inclusivo com todos os alunos/praticantes juntos durante o horário escolar, de forma que atenda as particularidades de escolarização de cada aluno. Nesse contexto, a estrutura do projeto conta com a presença do cavalo dentro de uma escola pública, tornando-se um facilitador no processo ensino-aprendizagem, além de uma abordagem lúdica e envolvente que favorece a permanência e a continuidade do aluno na escola.

Para atingir as particularidades de cada aluno/praticante, os bolsistas mediadores realizam uma observação individualizada, identificando as principais necessidades de cada praticante. Somado a isso, os professores e os orientadores educacionais sinalizam para o projeto as dificuldades de aprendizagens de cada aluno, para assim serem trabalhadas durante os atendimentos. De acordo com José “antes de planejar as sessões observamos a individualidade de cada um e também toda a coletividade”.

Isso revela que os bolsistas têm a preocupação com a particularidade específica dos alunos com NEE, estando empenhados em planejar e efetuar atividades equoterápicas de modo a atender a especificidade de cada um e ao mesmo tempo proporcionar o trabalho coletivo nas sessões. Segundo Pierre Parlebas (1989) o educador não deve intervir às cegas sobre as condutas motrizes dos sujeitos, sendo necessário conhecer a individualidade do aluno/praticante, suas principais características e seus processos de aprendizagem. Para tal, utiliza-se na Equoterapia da UFRRJ anamnese inicial com o responsável, observação equoterápica, conversa com a escola e com os professores, registro com evoluções diárias, e por fim, o planejamento.

Isso mostra que os princípios norteadores dessas atividades estão fundamentados na teoria praxiológica, pois para que essas particularidades sejam atendidas dentro da Equoterapia, é fundamental a análise praxiológica considerando a lógica interna dessa situação motriz, que ao mesmo tempo pode ser forjada uma outra logicidade característica dos sujeitos com autismo a fim de contemplar suas NEE.

A lógica interna revela alguns elementos que dão logicidade a uma situação motriz. Para o presente estudo, importa considerar a interação com o espaço, a relação entre os jogadores e os seus respectivos papéis, representando assim as manifestações e as condutas motrizes dos sujeitos (Ribas *et al.*, 2019). Em relação a Equoterapia da UFRRJ, ela apresenta um espaço

comunicativo, padronizado, domesticado, agradável, lúdico, sem incertezas e com uma regularidade nas condutas motrizes dos sujeitos. As relações têm uma característica sociomotriz, solidária, com ações motrizes somente de cooperação, sem oposição e adversários, exigindo a interação motriz de todos os agentes equoterápicos. Os bolsistas apresentam ações motrizes intencionais e dirigidas a fim de atender educacionalmente as NEE do aluno/praticante (Ramos, 2024).

Somado a isso, a lógica interna da Equoterapia nos revela que há papéis pré-estabelecidos a serem desenvolvidos pelo cavalo, mediador, auxiliar lateral e auxiliar guia. Todavia, todos os papéis podem ser modificados durante o atendimento, com exceção do cavalo, que é o único que pode gerar a ação motriz tridimensional. Neste cenário, o mediador representa o terapeuta líder, responsável por acompanhar o atendimento, emitir os comandos, organizar o ambiente, estipular as ações motrizes, realizar atividades, planejar as sessões e intervir de acordo com a necessidade específica de quem está sobre o cavalo (praticante) (Ramos, 2020).

O auxiliar guia é o agente responsável por guiar o cavalo, necessitando de habilidades para lidar com todos os comportamentos do animal, sendo estes previsíveis ou não. Além disso, precisa antecipar motoramente todos os comportamentos do animal, captando suas condutas e se posicionando frente a ela. O auxiliar guia também observa a realidade motriz do cavalo, conduzindo-o de acordo com as particularidades do praticante. Ele, juntamente com a equipe, precisa estar atento às possíveis reações do cavalo, bem como aos fatores externos que podem assustar o animal e interferir na sessão (Ramos, 2020).

O auxiliar lateral é encarregado de zelar pela segurança do praticante, o amparando em situações de emergência, medo ou riscos de queda (Ramos, 2020). Sua função é auxiliar as respostas motrizes do praticante que podem ser de oposição, medo, ou risco de cair do cavalo. Nesses momentos pode ser que a equipe precise tomar alguma decisão eventual através da cooperação. Isso ocorre através de acordo internos, em que cada ação motriz é compartilhada através de signos, que precisam ser lidos de forma antecipada. Essa leitura ocorre durante toda a sessão, observando sempre o cavalo, o espaço entre outros (Ramos, 2020).

A pessoa sobre o cavalo, normalmente um sujeito com necessidades específicas, é o centro da sessão equoterápica. É ele quem vai se adaptar aos deslocamentos multidirecionais oscilatórios provocados pelo cavalo, precisando se reequilibrar e buscar os ajustes tônicos constantemente. O cavalo é o único capaz de gerar esses estímulos, mas toda a equipe trabalha cooperativamente para ajudar o praticante nesse jogo de forças e adaptações, caracterizando uma sociomotricidade. É pensando no desenvolvimento do praticante que a equipe busca ações

motrizes terapêuticas, educacionais, inclusivas e equestres, favorecendo sua interação colaborativa (Ramos, 2020).

Quadro 2- Papéis na Equoterapia e seus campos de ação.

PAPEL/ÂMBITO MOTIZ	ALUNO/PRATICANTE	MEDIADOR	AUXILIAR LATERAL	AUXILIAR GUIA
<u>INTERAÇÃO MOTRIZ COM O GRUPO</u>	Pessoa que se ajusta ativamente à ação motriz tridimensional do cavalo, buscando o equilíbrio regularmente devido à ação motriz gerada pelo cavalo.	Busca a interação motriz solidária com todos os agentes equoterápicos; Capacidade de construir atividades cooperativas em todo o curso da sessão equoterápica.	Acompanhar o praticante contribuindo para a sua sustentação e amparo durante a sessão equoterápica;	Escutar e perceber fatores externos para que se possam antecipar motoramente as atitudes do cavalo; aprender o que o cavalo está expressando e como ele virá a se expressar
<u>RELAÇÃO COM A ESTRUTURA EQUOTERÁPIA</u>	Cumprir todas as tarefas motrizes acordadas pelo grupo	Responsabilidade de mediar a sessão equoterápica; Organizador de todas as tarefas; Transmitir o plano terapêutico a todos dentro da sessão equoterápica.	Seu papel fundamental é cuidar da segurança do praticante.	Função de conter e/ou dar conta de problemas nos procedimentos motrizes presumíveis e imprevisíveis do cavalo
<u>RELAÇÃO COM O CAVALO</u>	Colaboração e vínculo sociomotriz com o cavalo e os agentes equoterápicos	Clareza de ordens e sinais no sentido de que facilitem as ações motrizes para o cavalo cumprir sua função;	Articulação de solidariedade entre as ações motrizes desenvolvidas pelo cavalo, articuladas com o praticante sobre o cavalo	O agente que conduz o cavalo dentro de uma sessão equoterápica e resolve qualquer problema com o cavalo.

Fonte: Ramos (2020)

Essa interação entre o cavalo, praticante e equipe pode ser analisada pela Praxiologia Motriz, uma vez que os papéis se caracterizam em função de uma norma já estabelecida. Vale ressaltar que os papéis são fundamentais, uma vez que propiciam que o jogador compreenda suas funções e suas possibilidades de atuação conforme o sistema de regras, para assim atingir o desempenho individual e coletivo. A leitura praxiológica na Equoterapia permite que as ações motrizes sejam ponderadas, viabiliza e proporciona um processo de ensino-aprendizado efetivo com uma comunicação clara e diretiva em favor de atingir os objetivos de cada aluno/praticante (Lanes *et al.*, 2018).

Em relação aos objetivos, podem ser trabalhadas inúmeras habilidades fundamentais no processo educativo do aluno/praticante, como: memória de trabalho, coordenação motora grossa e fina, autorregulação, tempo de espera, comunicação, socialização, dificuldades de aprendizagem, postura e equilíbrio (Chaves; Almeida, 2018). Porém, como a maioria dos alunos/praticantes do projeto são pessoas diagnosticadas com autismo, o estudioso (professor, treinador, guia, monitor...) pode eleger aquelas situações (nós podemos entender como outras)

que vão gerar ações motrizes que se convertam a partir de seus interesses e propósitos (Lagardera Otero; Lavega Burgués, 2010, p. 67, tradução nossa).

Desse modo, observou-se que a principal NEE do grupo foi referente a interação social, uma vez que de quatorze praticantes atendidos, doze apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo essa uma das dificuldades mais comuns nesse tipo de Transtorno (American Psychiatric Association, 2013). Para Hugo “A principal característica do autismo é a dificuldade de interação, então as atividades de Equoterapia precisam ser realizadas coletivamente, o que faz o sujeito evoluir dentro dessa questão tão específica para esse público”.

Segundo Benini e Castanha (2016) alunos com TEA podem demonstrar déficits relacionados a comunicação e interação social, apresentando dificuldades em estabelecer relações sociais com seus pares e consequentemente, acabam ficando isoladas. Com isso, torna-se fundamental que a escola incentive e promova a participação de todos os alunos em atividades grupais, a fim de estimular a empatia, colaboração, respeito e mais interações sociais positivas (Ambrosim; Ambrosim, 2024).

Com isso, percebe-se que a Equoterapia da UFRRJ apresenta uma estrutura distinta da Equoterapia Tradicional, com o cavalo se inserindo dentro da escola e contribuindo nas dificuldades de aprendizagem do aluno/praticante. Além disso, apresenta um ambiente estruturado, com atividades coletivas a fim de facilitar a socialização e sua inserção no contexto escolar e social.

4.2. Sociomotricidade

A análise praxiológica da Equoterapia da UFRRJ indica uma estrutura Educacional se moldando conforme as NEE de cada aluno/praticante. Essa estrutura sociomotriz, educacional e inclusiva parte de uma Sociomotricidade que forja outra logicidade interna distinta da Equoterapia Tradicional, através de atividades interativas em que todos os participantes atuam uns com os outros de forma cooperativa.

Figura 6- Praticantes realizando as atividades de forma cooperativa durante a montaria.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2018).

O projeto de Equoterapia da UFRRJ destaca a importância de oportunizar situações colaborativas por conta da maioria dos alunos/praticantes serem pessoas autistas e que normalmente buscam o isolamento. Emprega-se, o contínuo da sociomotricidade equoterápica fortalecendo atividades cooperativas e em grupo, utilizando brinquedos cantados, cantigas com instrumentos musicais e rodas interativas/inclusivas, com os cavalos no centro, buscando a interação entre todos os agentes equoterápicos (praticantes, cavalos e equipe).

Essas atividades coletivas são realizadas no primeiro momento do fazer equoterápico, no início do atendimento, assim que as crianças chegam ao Projeto. Todos os alunos/praticantes do projeto chegam juntos, por meio do ônibus cedido pela prefeitura. Essas crianças estudam na mesma escola e algumas até na mesma turma. Sendo assim, esse momento de interação com os colegas auxilia no ensino aprendido, uma vez que estreita os laços, desenvolve a comunicação, os auxilia na compreensão das emoções e das diferenças, facilita o desenvolvimento psicossocial e a inserção da criança no ambiente social (Souza *et al.*, 2016).

Na figura a seguir, temos uma das atividades coletivas realizadas no primeiro momento da prática equoterápica, na qual utiliza-se as cantigas e rodas interativas/inclusivas, com os cavalos no centro da roda, favorecendo a interação entre todos os agentes equoterápicos (alunos/praticantes, cavalos e equipe).

Figura 7- Atividade cooperativa entre todos os agentes equoterápicos.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2024).

No segundo momento da sessão acontece a montaria. Aqui, divide-se em dois grupos: enquanto um grupo está sobre o cavalo, o outro espera enquanto realiza atividades no solo. Em ambos os grupos se utilizam atividades lúdicas e educativas, com objetivos direcionados para as dificuldades educacionais individuais sinalizadas pelos professores, podendo ser: atividades de alfabetização, pedagógicas, operações matemáticas, leitura, vogais e cores, através de recursos como quebra cabeça, jogo da memória, pintura e dominó.

Para a Equoterapia Educacional da UFRRJ, a equipe é responsável pelo processo interativo da pessoa com NEE. Logo, transversalmente responsável por forjar uma lógica prática dentro da sessão que atenda suas necessidades específicas de escolarização e interação direta com outros agentes escolares: cavalos e humanos.

Figura 8: Atividades de cunho pedagógicas.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2024/2018).

Estas imagens se destacam por meio das atividades escolarizadas na Equoterapia, bastante comuns na relação com os conteúdos escolares em que os sujeitos da pesquisa utilizam brinquedos e brincadeiras como números, letras e cores como formas de integrar atividades do pátio que lembrem o cotidiano da sala de aula, numa perspectiva de construir relações entre a Equoterapia e as matérias de classe.

Na figura a seguir, após a escola sinalizar que a principal dificuldade da aluna/praticante era nos conteúdos matemáticos (números pares e ímpares), a equipe planejou atividades lúdicas a fim de auxiliar e contribuir no aprendizado escolar daquela aluna. Na figura, o mediador mostra aleatoriamente um número para a aluna e ela precisa identificar se este é um número par ou ímpar. No caso de ser um número par, ela precisava arremessar a bola no bambolê verde, e sendo ímpar, arremessava no bambolê amarelo.

Figura 9- Atividades lúdicas com objetivos educativos.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2024).

Essa perspectiva busca na Equoterapia um contínuo das atividades elaboradas dentro da sala de aula como reforço escolar. Os sujeitos da pesquisa que falaram sobre esses tipos de atividades, justificam seu posicionamento na Educação Inclusiva e em seus princípios de equidade. Asseveraram que essas relações são importantes para a inclusão no mundo equestre da Equoterapia.

Com isso, a Equoterapia da UFRRJ por ter esse viés educacional, apresenta uma estrutura motriz interativa, com ações motrizes sincronizadas, sem haver condutas opacas e opositivas. Dessa forma, cavalo, equipe e aluno/praticante desencadeiam um processo de

comunicação por meio da motricidade, produzindo dados semiológicos através de encontros corpóreos nas quais são expressos pelos gestemas e praxemas, que substituem e/ou apoiam a linguagem verbal.

Desse modo, durante as sessões de Equoterapia, o aluno/praticante, cavalo e equipe desencadeiam uma comunicação por meio de situações cooperativas, produzindo assim ações interativas e cheias de significados. Com isso, é possível observar a produção semiológica dentro dessa situação motriz, constituídas pelas ações motrizes (linguagem verbal, praxemas e gestemas) dos sujeitos dentro de um contrato lúdico determinado pelas regras equoterápicas. Para decifrar esses códigos motrizes que se manifestam a partir das condutas dos jogadores, principalmente os não verbais, utilizaremos a Semiomotricidade, levando em consideração que todo participante emite sinais e decodifica situações práxicas (Parlebas, 2001).

Com relação aos sinais emitidos na Equoterapia, os agentes humanos da Equoterapia da UFRRJ falaram sobre os sinais dos “beijinhos” para o cavalo começar a sessão. Todos estão de acordo que este é um gesto facial usado nas interações com o cavalo e que favorece o início da andadura do cavalo, o que observamos na nossa pesquisa de campo. A fala de Fernando aponta para esse tipo de sinal:

O sinal mais conhecido para o cavalo andar é o beijinho. O auxiliar guia origina o passo puxando o cavalo e o aciona com o beijinho também. Nós que estamos amparando o aluno e próprio aluno também dispara o beijinho para o cavalo começar a se movimentar para frente.

Figura 10- Praticante mandando beijo para o cavalo andar.



Fonte: Gerado por Adobe Firefly, em 04 de janeiro de 2025.

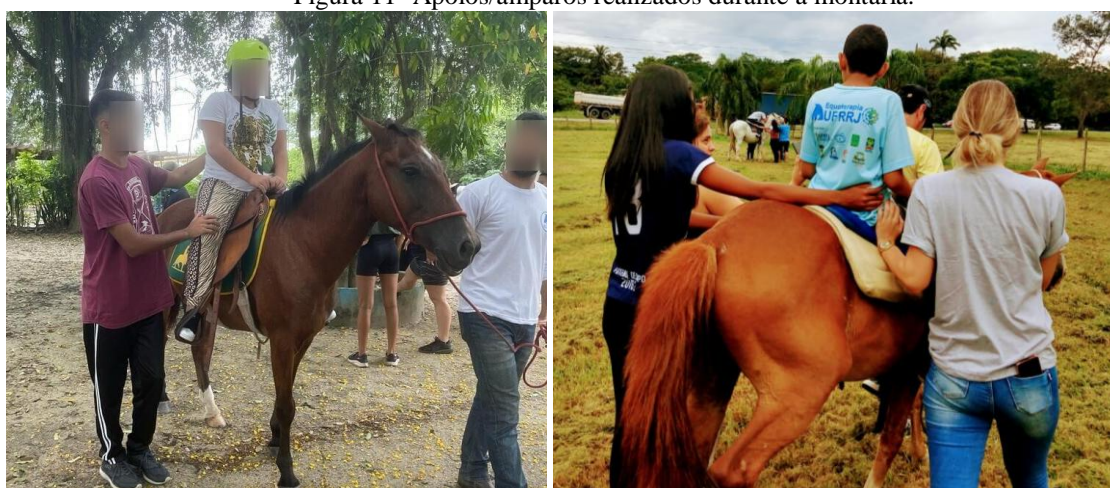
Como visto na figura acima, esse sinal de beijinho refere-se a um gestema facial, comum nas interações com o cavalo e que envolve a abertura e fechamento das partes dos lábios da boca. O gestema é caracterizado pela soma dos comportamentos, gestos e códigos usados a fim de transmitir uma mensagem aos jogadores sem utilizar a palavra. Na Equoterapia essa forma de comunicação ocorre entre a equipe através de gestos codificados, com um objetivo tátil e requer a colaboração dos membros para que as situações de jogo ocorram de forma objetiva.

Quando discutimos com os sujeitos da pesquisa acerca dos gestemas, os mesmos foram unânimes sobre a integração de vários gestemas favoráveis a comunicação com os cavalos. Eles demonstraram alguns gestos básicos como a condução dos cavalos e indicações com os dedos para mudanças de espaços. Além disso, observou-se outros gestemas durante a prática equoterápica, como: o ato de puxar a rédea em direção ao próprio corpo ou verbalizar “ooooou” e jogar o corpo para trás faz com que o cavalo pare; e dar um tapinha na garupa do cavalo faz com que ele se movimente para frente.

Já os praxemas tratam-se da leitura corporal das condutas dos jogadores observadas e interpretadas como signo. Pode-se observar alguns praxemas durante as sessões, como: quando o aluno/praticante toca com o seu pé na barriga do cavalo, está estimulando o cavalo a andar mais rápido; durante a montaria se o praticante passa a sua perna para o outro lado, ficando sentado de frente para a mediadora ou auxiliar lateral, está sinalizando que quer descer do cavalo; os apoios dos mediadores que sinalizam segurança, não deixando o aluno/praticante cair; e quando o aluno/praticante chega ao espaço equoterápico e vai imediatamente para a rampa, ele sinaliza que está querendo realizar a montaria (Ramos, 2020).

Nas figuras a seguir, é possível observar os apoios realizados pelo mediador e auxiliar lateral, na qual consiste em amparar o aluno/praticante para que ele não caia do cavalo, para que se sinta seguro e que facilite a retirada de emergência em casos de imprevistos.

Figura 11- Apoios/amparos realizados durante a montaria.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2024/2018).

Outro praxema pode ser observado, na figura abaixo, com a aluna/praticante subindo na rampa sem a presença do cavalo, demonstrando ao seu mediador o interesse em realizar a montaria. Mesmo que não tenha tido comunicação verbal, sua linguagem corporal evidenciou seu desejo.

Figura 12- Aluna/praticante aguardando o cavalo na rampa.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2024).

Dentro dos praxemas e gestemas pode-se observar o significante e o significado de uma mensagem motriz. O significante trata-se da expressão de uma mensagem motriz representada corporalmente, já o significado é o conceito/definição representada pelo gesto ou ato motor. Todos os gestos, as técnicas com o cavalo, os estímulos, a condução do animal, os amparos motores sobre o aluno/praticante, o beijinho para o cavalo andar, abrir a rédea para direita ou esquerda para o cavalo virar e todos as ações normalizantes da Equoterapia são considerados signos motrizes, pois são expressas de significados (Ramos, 2007).

O projeto Equoterapia da UFRRJ tem como diferencial sua proposta educativa em que o coordenador promove reuniões pedagógicas semanais, as quais são debatidas as particularidades específicas de cada aluno do projeto como também o seu plano individual escolar. A orientação educacional da escola, os mediadores de cada aluno participam das sessões equoterápicas tentando articular os saberes da Equoterapia com os conteúdos de classe.

Por isso o conhecimento da lógica interna da Equoterapia, as normas, os signos motores e a comunicação praxica entre a equipe é fundamental, pois favorece e auxilia no entendimento sobre a melhor forma de alcançar os objetivos de cada aluno/praticante.

4.3. Educação Inclusiva

No que diz respeito ao conhecimento sobre Educação Inclusiva, todos os bolsistas responderam que buscam capacitação nessa área através da leitura de artigos, realização de cursos, apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos e discussão nas reuniões semanais do projeto. Vale ressaltar que esses conhecimentos são necessários na condução das sessões uma vez que o projeto está inserido dentro de uma escola e o aluno/praticante é uma pessoa com deficiência que precisa ser incluído no ambiente educacional e social. Sendo assim, Para Tadeu esses conhecimentos são “fundamentais para criar um ambiente mais enriquecedor e diversificado para todos os estudantes”, assim como para Joana “é importante para entendermos as particularidades de cada aluno e sabermos como trabalha-las”. Esse mesmo bolsista afirma que o projeto prevê uma carga horária específica para as reuniões pedagógicas, com a finalidade de discutir o desenvolvimento de cada aluno e planejar ações:

“Toda a equipe do projeto se reúne semanalmente para que os bolsistas conversem sobre as particularidades individuais e coletivas observadas, as dificuldades apontadas pelos professores em relação à aprendizagem, para pensarem em atividades em conjunto com todo o grupo, realizar relatórios e evoluções. Após decidido o que trabalhar com cada praticante, os mediadores realizam os planejamentos individualizados de suas crianças, respeitando sempre os dois momentos da prática equoterápica (1º atividades coletivas/em grupo e 2º montaria e execução das atividades que envolvam as particularidades de cada sujeito).”

Outra fala interessante sobre o desenvolvimento de ações escola/Equoterapia foi de Joana como exemplo da interrelação existente entre a Equoterapia/escola: “Os objetivos e as atividades desenvolvidas durante as sessões são pensadas coletivamente, mas normalmente baseiam-se em momentos em grupo e momentos individuais, iniciadas sempre com atividades em grupo e com interação com o cavalo”. Pela fala da bolsista, pode-se compreender que a equipe equoterápica busca conhecer melhor cada aluno e sua particularidade. O todo equoterápico planeja suas intervenções com atividades pedagógicas mais inclusivas e constroem situações em que a lógica interna equoterápica desenvolve ações mais afetivas de interação entre as pessoas com NEE e a equipe equoterápica.

Já em relação ao diferencial do Projeto de Equoterapia da UFRRJ, observa-se uma estrutura educacional, com o projeto atuando dentro de uma escola pública e atendendo alunos com deficiência de baixo poder aquisitivo. Além disso, apresenta um trabalho coletivo, solidário, afetivo e interativo, buscando a socialização de todos os envolvidos. Busca também auxiliar e aprimorar a parte pedagógica, trabalhando os conteúdos escolares sinalizados pelos professores e com uma estrutura que se molda para atender as NEE de cada educando. Seu papel é agregar valor na escola, atuando no processo ensino-aprendizagem e se transformando

como um agente educador e não somente reabilitacional. De acordo com a fala da Erika (P8):

Na Equoterapia da Rural focamos nas suas potencialidades, proporcionando experiências que desenvolvam seu aspecto biopsicossocial e educativo. Nossa intenção é garantir uma inclusão social e uma socialização efetiva, facilitando sua inserção e permanência na escola.

Esta fala é um exemplo de que o projeto de Equoterapia da UFRRJ é centrado nas necessidades gerais do grupo e na particularidade de cada aluno, com foco na inclusão social e escolar. Além disso, promove não somente a inclusão de alunos com NEE nas salas de aulas regulares, mas garante que todos os alunos construam habilidades interativas, independentemente de suas características. Proporciona também a participação de todos os alunos nas atividades escolares, sociais e aprendizado individualizado/coletivo, trabalhando as dificuldades escolares apresentadas em sala de aula. Segundo Cláudia “ buscamos que esses alunos tenham acesso, participem e aprendam, independentemente das diferenças”.

Baseado na Educação Inclusiva, a fala acima busca se respaldar na Declaração de Salamanca, em que o princípio fundamental da Educação Inclusiva é o:

Todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades (UNESCO, 1994, p. 5).

A Equoterapia da UFRRJ acredita que as diferenças fazem parte da diversidade humana e por isso, busca garantir o acesso de todos os alunos/praticantes se moldando as suas particularidades. Para isso, procura identificar a melhor forma de aprender de cada aluno e utiliza estratégias lúdicas para que eles aprendam e tenham condições de participação efetiva em todas as atividades propostas. Somado a isso, busca educar através de uma mediação pautada no coletivo, estimulando o desenvolvimento do aluno cooperativamente (Poker; Milanez, 2015).

Além disso, a Equoterapia da UFRRJ trabalha em conjunto com a escola CAIC Paulo Dacorso Filho a fim de promover o desenvolvimento pedagógico do aluno. Percebe-se que o projeto valoriza as diferenças entre os educandos, pois entendemos que elas promovem um ambiente mais inclusivo, onde todos os alunos podem se sentir acolhidos e valorizados. Segundo Fernando: “no nosso projeto, entendemos que cada aluno tem suas particularidades e que elas devem ser consideradas como diversidade e não como problema”.

Para uma educação pautada na perspectiva inclusiva, não basta só a criança estar inserida na sala de aula regular, mas torna-se fundamental que ela seja participativa, incluída e interaja com os demais alunos. A preocupação da escola não deve ser somente a sistematização

de conteúdos, e sim em proporcionar aos educandos conhecer, se relacionar e interagir com as diferenças (Gasparelo; Cruz; Cunha, 2019). Para tal, a Equoterapia da UFRRJ busca elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos/praticantes, considerando suas NEE (Cruz, 2016).

Sendo assim, a Equoterapia da UFRRJ está sempre em contato com a escola e com os professores, pois através desse diálogo escola/Equoterapia é possível conhecer as dificuldades de cada praticante e a melhor forma de trabalhar/reforçar os conteúdos através de atividades diversificadas e lúdicas. Lúcia reconhece que o diálogo entre escola e Equoterapia acontece também com a Secretaria Municipal de Educação do Município de Seropédica. Ela afirma:

Não só a Equoterapia dialoga com a escola, mas também com a Secretaria de Educação. Tudo que é feito na Equoterapia é repassado para a escola e para a Secretaria de Educação através de relatórios, devolutivas e documentação completa dos planos dos alunos.

Além disso, as orientadoras educacionais fazem a ponte entre Secretaria de Educação e escola, favorecendo uma melhor comunicação e sinalizando para os agentes equoterápicos as dificuldades e avanços de cada praticante. Somado a isso, importa destacar que há cada quinze dias são realizadas atividades no pátio da escola justamente para demarcar o espaço da Equoterapia no ambiente educacional. Para o bolsista Hugo:

Além das atividades realizadas na Rural com os cavalos, também realizamos atividades pedagógicas lá na escola, às vezes teóricas, às vezes práticas, mas todas sempre preocupadas com o coletivo, com a interação. As atividades ajudam nas disciplinas escolares porque os professores nos passam as principais dificuldades de cada aluno.

O Projeto de Equoterapia da UFRRJ, diferentemente da Equoterapia Tradicional, tem o seu desenvolvimento calcado da perspectiva inclusiva. Já a Equoterapia Tradicional tem uma proposta mais reabilitacional, pautados no modelo médico de deficiência, observando as limitações e dificuldades com a intenção de corrigir e reabilitar, a fim de que o indivíduo se aproxime da “normalidade” e se encaixe nos moldes da sociedade (Mota; Bousquat, 2021). Esse enfoque médico não é algo recente e pode ser observado desde os primórdios da Equoterapia no universo médico, com o cavalo sendo utilizado em hospitais a fim de tratar/reabilitar pessoas adoentadas, feridas e mutiladas resultantes das grandes guerras mundiais. (Silva; Da Silva, 2017; ANDE-BRASIL, 2022).

Nesse sentido, a Equoterapia Educacional da UFRRJ apresenta seu enfoque baseado no modelo social de deficiência, acreditando que a deficiência é parte da diversidade humana, não algo que precisa de correção e cura. Além disso, o projeto enxerga o aluno/praticante com especificidades individuais e coletivas, sem rotular e subjugar suas limitações a partir de um

diagnóstico fixo calcado num laudo médico. O enfoque social do qual guia a Equoterapia da UFRRJ considera o sujeito de forma global, com dificuldades que podem ser superadas, desde que sejam fornecidas as condições pedagógicas necessárias da sua formação cidadã (Becker; Anselmo, 2020).

Contrapondo a visão conservadora de um tipo de Equoterapia Tradicional mais individualizante, a Equoterapia da UFRRJ está calcada no processo interativo que acontece entre praticante, cavalo e equipe, para além do momento exclusivamente terapêutico. Consideramos assim que na Equoterapia da UFRRJ entende-se que cada aluno/praticante traz consigo uma cultura, um modo de ser, seus valores próprios, suas necessidades específicas.... sua diversidade. E é na diversidade que os alunos aprendem e formam competências que vão além do currículo, como altruísmo, solidariedade, amor ao próximo e respeito, fundamentais para o convívio na escola e na sociedade (Silva *et al.*, 2018).

Segundo Costa e Guarany (2019) lidar com as diferenças vai além de produzir um ambiente fisicamente inclusivo, mas é fundamental que os alunos sejam expostos ao brincar inclusivo para a construção de relações lúdicas e socialmente participativas. As imagens a seguir mostram uma atividade, em dois momentos, na qual cavalos, equipe e alunos/praticante interagem por meio de uma atividade lúdica que consiste em realizar ações ditas por um mediador, como por exemplo: colocar a mão na garupa do cavalo, levantar os braços, abraçar um colega, braços para trás, abraçar o cavalo entre outras.

Figura 13- Atividade lúdica e cooperativa entre cavalos, equipe e alunos/praticantes.



Fonte: acervo do Projeto de Equoterapia da UFRRJ (2024).

Uma Equoterapia Educacional inclusiva além de promover a socialização entre os pares, considera as potencialidades do aluno/praticante, propiciando um ambiente com novas concepções e aprendizagens, encorajando-as a superar seus próprios limites (Brito, 2013). Além disso, não implica somente o movimento da montaria, mas também a ações pedagógicas com o cavalo desde o picadeiro até o todo do ambiente escolar (Cruz, 2016).

Na Equoterapia da UFRRJ para trabalhar nesse contexto coletivo visando atividades cooperativas de interação, as sessões contam com o auxílio dos alunos do curso de graduação em Educação Física, matriculados na disciplina “Prática de Ensino”, ministrada pelo professor José Ricardo S. Ramos. As aulas são baseadas nos planejamentos inclusivos buscando auxílio no trabalho equoterápico. Semanalmente um grupo é responsável em pensar, elaborar e executar as atividades lúdicas, de forma que trabalhem as necessidades individuais e coletivas dos alunos/praticantes. Eles atuam como alunos “típicos”, ajudando na interação, comunicação e socialização dos alunos/praticantes.

Essas proposições confirmam nosso trabalho de campo quando a pesquisadora observou, descreveu e analisou as atividades cooperativas de um evento equestre/educacional que mostrou a extensão da lógica interna de um encontro motor solidário (Ramos, 2020). Nele, as atividades pedagógicas expressam meios para incluir os alunos com NEE. Dessa forma, percebeu-se que a relação escola pública e Equoterapia é permeada por ações calcadas na perspectiva inclusiva.

Por isso, buscamos conhecer essa realidade não apenas na observação de condutas motrizes que expressam a realidade motora do fato equoterápico, mas compreender a formação humana dentro de uma educação equestre que se abre para possibilidades inclusivas. Percebemos, desse modo que a abordagem de Equoterapia da UFRRJ não se preocupa apenas com os aspectos motores funcionais e perceptivos da Equoterapia, mas inclui outras dimensões que compõe a pessoa com NEE e as incluem no processo de formação humana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Praxiologia Motriz criada por Pierre Parlebas pretende estudar as ações motrizes que emergem em qualquer situação motriz, como consequência de complexa trama de relações que se estabelecem entre os participantes, independente de como elas se manifestam. (Otero; Burqués, 2005, p. 37).

Este fragmento textual de Otero e Burgés (2005) mostra o que estudamos de ações e condutas motrizes que envolvem a Equoterapia da UFRRJ, a partir de questões relativas a um tipo de Equoterapia Educacional, de cunho inclusivo, necessária para atender as necessidades específicas de alunos matriculados em uma escola pública. Desse modo, esse trabalho se formou sobre os princípios praxiológicos e inclusivos, articulados com o nosso compromisso de descrever a criação de outras lógicas internas dentro da Equoterapia da UFRRJ, que para nós, permeou a necessidade de atender um público que na sua totalidade estava dentro do TEA.

Desse modo, observou-se que a Equoterapia da UFRRJ está dentro da área da Educação especial inclusiva, sendo pensada a partir do coletivo e com uma logicidade se moldando para atender as NEE dos alunos/praticantes. A principal NEE do grupo é a interação social, uma vez que a maioria das crianças são autistas e buscam o isolamento social. Dessa forma, faz-se necessário moldar a Equoterapia com distintas situações para se moldar as especificidades do seu público.

Assim, utiliza-se a lógica sociomotriz, com atividades cooperativas e em grupo, através de brinquedos cantados, cantigas com instrumentos musicais e rodas interativas/inclusivas, com os cavalos no centro, buscando a interação entre todos os agentes equoterápicos (alunos/praticantes, cavalos e equipe).

Com isso, percebeu-se que a Equoterapia da UFRRJ forja diferentes lógicas internas a fim de compreender e atender as NEE dos alunos/praticantes. As atividades e as condutas motrizes são pensadas e planejadas a fim de traçar lógicas internas dentro da estrutura Equoterápica. Para tal, sua estrutura tem um caráter educativo com relação direta com a escola, atendendo os alunos com deficiência e/ou dificuldade de aprendizagem a fim de atingir as suas particularidades. Sua lógica interna exige uma relação somente de cooperação, sem oposição e adversários, demandando uma interação motriz entre todos os agentes equoterápicos. Apresenta também um espaço seguro, padronizado, estável e domesticado com materiais adequados e em contato com a natureza.

Além disso, é fundamental que a equipe evite condutas opacas durante o processo de interação. Apesar de ser um espaço domesticado e padronizado, a equipe precisa estar atenta a todo momento para qualquer imprevisto advindo do meio externo. Dessa forma, o

conhecimento sobre a lógica interna torna-se imprescindível para que a equipe entenda todas as ações motrizes que fazem parte do universo equoterápico e assegurem que as condutas motrizes sejam realizadas de forma clara e colaborativa.

Esta dissertação constituiu-se sobre essa base praxiológica dentro de uma direção de propor uma Equoterapia de acordo com as necessidades específicas de um público majoritariamente de pessoas com autismo. Uma dissertação que compreende a importância da formação dos alunos de Educação Física e/ou dos agentes equoterápicos, ao propor atividades que possam atender as NEE de um grupo social.

Os alunos de Educação Física e/ou agentes equoterápicos, durante as sessões de Equoterapia, ao compreenderem que a equipe desencadeia uma comunicação por meio de situações cooperativas, ampliam assim ações interativas e cheias de significados acerca de outras lógicas internas que representem essa realidade. Com isso, é possível intervir na produção semiológica do aluno dentro dessa situação motriz, constituídas pelas ações motrizes (linguagem verbal, praxemas e gestemas) dos sujeitos dentro de um contrato lúdico determinado por novas regras equoterápicas. Para compreender protagonismos de códigos motrizes que se manifestam a partir das condutas dos jogadores, principalmente os não verbais, utilizou-se a Semiomotricidade sistemática, levando em consideração que todo participante emite sinais e decodifica situações práxicas (Parlebas, 2001).

Entre os elementos praxiológicos das situações motrizes propostas, observamos os signos motores como: gestemas - o ato de puxar a rédea em direção ao próprio corpo ou verbalizar “ooooou” e jogar o corpo para trás para fazer o cavalo parar; dar um tapinha na garupa do cavalo e fazer com que ele se movimente para frente; e emitir “beijinhos” para o cavalo favorece o início de sua andadura. Observamos praxemas quando o aluno/praticante toca com a sua perna no ventre do cavalo, estimulando o cavalo a andar mais rápido; durante a montaria, as sinalizações para descer do cavalo; os apoios dos mediadores que sinalizam segurança, não deixando o aluno/praticante inseguro; e observamos o aluno/praticante chega ao espaço equoterápico e vai imediatamente para a rampa, ele sinaliza que está querendo realizar a montaria.

Todas essas situações propostas consideram os signos observados nos comportamentos dos sujeitos. Com isso, percebe-se que toda a equipe demonstra ações sociomotrizes e que cooperam para atender educacionalmente as vicissitudes dos alunos/praticantes. Além disso, essas ações são de solidariedade, de cooperação, de amparo motriz e com papéis fixos, na qual prioriza a inclusão de um aluno/praticante com NEE, que é um sujeito comunicante que expõe seus signos motores e que cumpre as ações motrizes do jogo.

A proposição deste tipo de Equoterapia Educacional que atende as necessidades específicas do aluno/praticante, estudante de uma escola pública, é a base na qual a equipe planeja e constrói ações voltadas para o seu desenvolvimento educacional e biopsicossocial. Para isso, o aluno/praticante com NEE está plenamente incluído. O aluno, nesse sentido, é considerado a partir das suas possibilidades de ações motrizes, e as suas particularidades educacionais, a partir do que é e da sua história. Uma das características da Equoterapia da UFRRJ é atuar pedagogicamente através de atividades escolarizadas, bastante comuns na relação com os conteúdos escolares. Os bolsistas utilizam recursos com números, letras e cores como formas de integrar atividades do pátio que lembrem o cotidiano da sala de aula, numa perspectiva de construir conexões entre a Equoterapia e as matérias de classe.

A Equoterapia da UFRRJ, inserida nesse ambiente escolar, tem uma perspectiva educacional e inclusiva, priorizando a coletividade e atendendo as particularidades de cada aluno/praticante, sem estigmatizar e subjugar suas capacidades. Ela é pautada no modelo social de deficiência, reconhecendo a deficiência como parte da diversidade humana, não como uma característica que necessita de correção ou cura. A Equoterapia da UFRRJ acredita que uma escola inclusiva vai além de só inserir o escolar na sala de aula regular, mas é fundamental que a escola incentive a interação e participação de todos os alunos, de modo que conheçam e se relacionem com as diferenças.

A Equoterapia da UFRRJ reconhece que os princípios praxiológicos são importantes no desenvolvimento de pessoas com TEA, uma vez que auxilia na aquisição de habilidades básicas para a participação na vida social. Além disso, proporciona uma melhora funcional nos aspectos motores, cognitivos, sensoriais e psicológicos, ampliando sua autonomia e qualidade de vida.

A Equoterapia da UFRRJ nos mostrou como uma situação motriz pode ser interventiva a partir da PM. Vimos, com isso, as tomadas de decisões dos bolsistas (os nossos sujeitos da pesquisa) da Equoterapia criando outras situações motrizes para adequar as atividades equoterápicas as condutas particulares e específicas dos alunos com NEE. Esse tipo de Equoterapia inclusiva busca atender todos os alunos para que eles participem plenamente das ações motrizes equoterápicas com desenvoltura. Notamos com isso, que os alunos se expressarem semiomotoramente e notamos singularidades psicomotrizes dentro das atividades sociomotrizes.

Destacamos, a decisão dos alunos da graduação ao estruturar atividades lúdicas dentro da Equoterapia, observar, descrever e analisar avanços e retrocessos de alunos com NEE, direcionar atividades de acordo com o nível motor, cognitivo e afetivo que os alunos devem alcançar, preparar aulas com e sobre os cavalos mostrando os seus objetivos propostos para a

interação social de pessoas com TEA. Sempre buscando as trocas, a comunicação verbal e não verbal, a integração Equoterapia e escola pública.

As situações motrizes foram se constituindo por outras lógicas internas, porém dentro da classificação original equoterápica da Comunicação (\bar{C}), sem a adversidade (\bar{A}), e sem a incerteza (\bar{I}). Constatamos, nesse sentido, que os nossos sujeitos da pesquisa buscaram ações de identificação como possíveis dentro da estrutura equoterápica. Mesmo diante da diversidade, eles buscaram conviver com a estrutura sociomotriz da Equoterapia o tempo todo.

Sabemos que o trabalho foi também atravessado pela formação equoterápica de cada um, a vida acadêmica dos bolsistas, o seu processo de formação docente, a formação distinta de cada um em Educação Especial/Inclusiva e ações grupais diversas e complexas. Contudo, conseguimos enxergar a nossa proposição, a qual a Equoterapia necessita se adequar as necessidades intrínsecas da pessoa NEE, se adequar à escola, conviver com a diversidade humana e não humana, circular entre condutas e ações motrizes de diferentes situações motrizes e criar possibilidades inclusivas no conjunto de ações educacionais.

Vale ressaltar que os resultados desta pesquisa podem servir de orientação para futuras investigações envolvendo as variáveis estudadas. Além disso, oferecem uma base sólida para ampliar o entendimento sobre o papel da Equoterapia na educação inclusiva, incentivando novas investigações que possam aprimorar as práticas pedagógicas e terapêuticas, sempre com foco na promoção do desenvolvimento integral e na inclusão de todos os indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Elementos de linguística e semiologia na organização da informação. **Coleção PROPG Digital (UNESP)**, 2011.

AMBROSIM, Inês; AMBROSIM, Lucinéia. Autismo na escola pública: desafios e oportunidades. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 7, p. 1-14, 2024.

American Psychiatric Association (APA). Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders – DSM-5. 5th ed. Washington: APA; 2013.

ANDE-BRASIL, Associação Nacional de Equoterapia. In: Apostila do Curso Básico de Equoterapia. Rio de Janeiro, 2022.

ARAÚJO, Pablo Aires; FRANCHI, Silvester; LAVEGA, Pere. Praxiologia motriz: educação física como educação das condutas motrizes. **Conexões**, Campinas, v. 18, p. 1-14, e020028-e020028, 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70 (Revista e Ampliada), 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70 (Revista e Atualizada), 2016.

BECKER, Caroline; ANSELMO, Alexandre Guilherme. Modelo social na perspectiva da educação inclusiva. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, p. 90-108, 2020.

BENINI, Wiviane; CASTANHA, AndréPaulo. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018. v.1. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf. Acesso em 24 nov. 2024.

BISOL, Cláudia Alquati *et al.* Desafios para a inclusão de estudantes com deficiência física: uma revisão de literatura. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 23, n. 3, p. 601-619, 2018.

BRASIL, Casa Civil, Ministério da Educação/Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>

BRASIL. Lei Nº 13.830, de 13 de maio de 2019. Dispõe sobre a prática de equoterapia. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13830.htm

BRITO, Maria Cristina Guimarães. As contribuições da equoterapia na educação inclusiva. **Curso normal superior da UNIME**, 2013.

CERQUEIRA, Caren Tainan da Cruz; COSTA, Carla Lorena de Araújo. Atuação da equoterapia no transtorno do espectro autista. **Revista Ciência e Conhecimento**, v. 13, n. 2, p. 65-91, 2019.

CHAVES, Larissa Oliveira; DE ALMEIDA, Rogério José. Os benefícios da equoterapia em crianças com Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n. 2, p. 153-159, 2018.

CIRILLO, Lélío. Equoterapia Ciência-Cavalo- Reabilitação. Boletim Informativo da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL). Brasília, n.1, mar., 1998.

CITTERIO, Nicolas Danièle. História da Terapia através do Cavalo na Itália e no Mundo. **Encontro nacional da Associação Nacional de Equoterapia (ANEq.)**, 1. Anais ... Brasília, 1991.

COSTA, Eduarda Cosentino. A Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental: a aula é proporcionada? Por quem? O que se desenvolve e o que realmente se deve desenvolver? **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, n. 190, 2014.
<http://www.efdeportes.com/>

COSTA, Cassiane Iacana; GUARANY, Nicole Ruas. A percepção da criança típica sobre a criança com deficiência em uma escola do ensino regular da rede pública da cidade de Pelotas. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 12, n. 2, 2019.

CRUZ, Francelina de Queiroz Felipe Da. **Equoterapia educacional: um aporte colaborativo na inclusão da criança com transtorno do espectro autista na escola**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

CUNHA, Ana Carolina Castro P. Deficiência como expressão da questão social. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 141, p. 303-321, 2021.

ECKERT, Deisirê. **Equoterapia como recurso terapêutico: análise eletromiográfica dos músculos reto do abdômen e paravertebral durante a montaria**. 57f. Dissertação de Mestrado. Centro Universitário Univates, Lajeado, 2013.

FAGUNDES, Felipe Menezes; FOLLMANN, Natiele; WENZEL, Vanessa Ines. Como identificar a lógica interna das práticas motrizes de interação? uma proposta de ferramenta de análise a partir da praxiologia motriz. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v. 37, p.01-15, 2019.

FAGUNDES, Felipe Menezes; RIBAS, João Francisco Magno. A dinâmica do voleibol sob as lentes da Praxiologia motriz: uma análise praxiológica do levantamento. **Revista Brasileira de Ciência & Movimento**, v. 25, n. 3, p. 134-149, 2017.

FERIGOLO, Juciane. A língua enquanto sistema e a língua enquanto produção de sentidos para o sujeito. **Raído-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, v. 3, n. 6, p. 73-84, 2009.

FRADE, Carmen Oliveira. **A importância do CAIC Paulo Dacorso Filho para a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e para a comunidade de Seropédica**.

2021. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) - Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ. 2021.

FREITAS, Wesley RS; JABBOUR, Charbel JC. Utilizando estudo de caso (s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões. **Revista Estudo & Debate**, v. 18, n. 2, 2011.

GASPARELO, Andressa Cristina Bevenutti.; CRUZ, José Anderson Santos.; CUNHA, Arielly Kizzy. Educação inclusiva: a importância da inclusão dos alunos com tea no ambiente escolar. **Revista Científica do UBM**, v. 21, n. 41, p. 160-178, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.

GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; SOUSA-CRUZ, Rodrigo Wanderley de; ARRUDA, Emerson Pereira de Souza. Entre o lance e a chance: lógica interna numa final de badminton. **Motrivivência**, v. 31, n. 58, p. 1-19, 2019.

HEINZE, Joyce da Silva *et al.* A cultura corporal de movimento e práticas equoterápicas como forma de autonomia e inclusão social de alunos-praticantes com transtorno do espectro autista. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 59375-59380, 2020.

KHAOULE, Anna Maria Kovacs; CARVALHO, Euzebio Fernandes de. Diários de campo como possibilidade de pesquisa na formação de professores. **III Simpósio Nacional de História da UEG**, v. 3, n. 1, p. 271-281, 2013.

LAGARDERA OTERO, Francisco; LAVEGA BURGUÉS, Pere. **Introducción a la Praxiología Motriz**. Barcelona: Paidotribo, 2003.

LAGARDERA OTERO, Francisco; LAVEGA BURGUÉS, Pere. **Léxico Básico em Praxiologia Motriz**. Lleida, 1999.

LANES, Bruno Minuzzi *et al.* Praxiologia motriz: novas proposições para o treinamento dos jogos esportivos coletivos. **Motrivivência**, v. 30, n. 54, p. 308-325, 2018.

LARA, Fabiane Matos; PINTO, Celeida Belchior Garcia Cintra. A importância da educação física como forma inclusiva numa perspectiva docente. **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 15, n. 1, p. 67-74, 2017.

LAVEGA BURGUÉS, Pere; LAGARDERA OTERO, Francisco. La educación física como pedagogía de las conductas motrices. **Tándem: Didáctica de la educación física**, n. 18, p. 79-101, 2005.

LOPES, Josiane *et al.* Efetividade da equoterapia na marcha de crianças com paralisia cerebral: revisão sistemática de ensaios clínicos. **Revista Brasileira de Neurologia**, v. 55, n. 1, p. 25-34, 2019.

MAJEWSKI, Ricati Lima; OLIVEIRA, Daniela dos Santos de. Equoterapia—a importância da avaliação do equino como instrumento terapêutico. **Vivências**, v. 16, n. 30, p. 233-246, 2020. <https://doi.org/10.31512/vivencias.v16i30.153>

MARCELINO, Juliana Fonsêca de Queiroz; MELO, Zélia Maria de. Equoterapia: suas repercussões nas relações familiares da criança com atraso de desenvolvimento por prematuridade. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 23, p. 279-287, 2006.

MARTIGNAGO, Fernanda Haeser *et al.* Benefícios da equoterapia em crianças com deficiência intelectual e múltipla. **Extensão Tecnológica: Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense**, n. 3, p. 75-82, 2015.

MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 2, n. 2, p. 9-18, 2008.

MENEZES, Joyceane Bezerra de; MENEZES, Herika Janaynna Bezerra de; MENEZES, Abraão Bezerra de. A abordagem da deficiência em face da expansão dos direitos humanos. **Revista de Direitos e Garantias Fundamentais**, Vitória, v. 17, n. 2, p. 551-572, 2016.

MILANI, Sebastião Elias. **Relato da obra de Ferdinand de Saussure**. Rio de Janeiro : Barra Livros, 1º. ed., 2016.

MONTEIRO, Carlos Henrique Medeiros et al. Pessoa com deficiência: a história do passado ao presente. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, v. 2, n. 3, p. 221-233, 2016.

MOTA, Paulo Henrique dos Santos; BOUSQUAT, Aylene. Deficiência: palavras, modelos e exclusão. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 130, p. 847-860, 2021. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202113021>

OLIVEIRA, Gil Teixeira; RIBAS, João Francisco Magno. Articulações da praxiologia motriz com a concepção crítico-emancipatória. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 131-148, 2010.

OLIVEIRA, Helder Cognaco de; HOUNSELL, Marcelo da Silva; GASPARINI, Isabela. Uma metodologia participativa para o desenvolvimento de jogos sérios. **Proceedings do XV SBGames–Trilha Artes e Design-Full Papers**, 2016.

OLIVEIRA, Marcos Antônio *et al.* Atividades de equoterapia para os municípios de sertão – RS e microrregião. **7º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, 2016.

OLIVEIRA, Raquel Valente de; RIBAS, João Francisco Magno. A lógica interna do voleibol sob as lentes da praxiologia motriz. **Journal of physical education**, v. 30, 2019.

OLIVEIRA, Raquel Valente de; RIBAS, João Francisco Magno. Os códigos gestêmicos e suas implicações nos processos de (contra)comunicação nos esportes coletivos. **Acciónmotriz**, n. 26, pág. 8-17, 2021.

OLIVEIRA, Raquel Valente; RIBAS, João Francisco Magno; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. Relação entre o praxema e as interações motrizes: implicações nos processos de leitura de jogo e tomada de decisão nos jogos esportivos. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 21, n. 2, p. 473-483, 2018.

Orlandi, Eni Pucinelli. **O que é linguística**. Brasil, Brasiliense, 1986.

PARLEBAS, Pierre. Contribution á un lexique Continente en sience de 1° action motríce. Paris: Institut National Du Sport Et De L'education Physique (INSEP), 1981.

PARLEBAS, Pierre. **Jeux, sports et sociétés:lexique de praxéologie motrice**. Paris, Insep, 1999.

PARLEBAS, Pierre. **Elementos de sociologia del deporte**. Málaga: Andalucia. 1988.

PARLEBAS, Pierre. **Jeux traditionnels, sports et patrimoine culturel**. Paris: L'harmattan, 2016.

PARLEBAS, Pierre. Juegos, deporte y sociedad: léxico de praxiología motriz. Barcelona: **Paidotribo**, 2001.

PARLEBAS, Pierre. **Los universais de los juegos desportivos. In: Revista de Praxiologia Motriz**. Las Palmas de Gran Canaria. n.0, v.1, p. 15-30, 1996.

PARLEBAS, Pierre. **Perspectivas para una educacion fisica moderna**. Málaga: Andalucia. 1989.

PAVÃO, Camila Contente; VERDE, Brenda Barbosa Cabo. Efeitos motores da equoterapia no tratamento da paralisia cerebral. **Revista Eletrônica Estácio Saúde**, v. 4, n. 2, p. 211-217, 2015.

PEREIRA, Ester Liberato; BATAGLION, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Equoterapia, saúde e esporte: figurasões da prática no Rio Grande do Sul, 1970-2000. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 879-897, 2020.

POKER, Rosimar Bortolini; MILANEZ, Simone Ghedini Costa. Formação do professor e educação inclusiva: análise dos conteúdos dos cursos de pedagogia da Unesp e da USP. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, n. 1, p. 703-718, 2015.

RAMOS, José Ricardo da Silva. A semiologia e a educação física: um diálogo com Betti e Parlebas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 21, n. 2, 2000.

RAMOS, José Ricardo da Silva. **O jogo como linguagem: a abordagem funcionalista da linguagem nas práticas corporais coletivas**. 2007.

RAMOS, José Ricardo da Silva. Reflexões sobre a prática interativa na equoterapia à luz da praxiologia motriz. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, v. 18, e020031, p.1-13, 2020. <https://doi.org/10.20396/conex.v18i0.8659334>

REITORIA UFRRJ (Seropédica). **Comunicado da Reitoria referente ao Caic Paulo Dacorso Filho**. 2023. Elaborado pela Reitoria da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://portal.ufrrj.br/comunicado-da-reitoria-referente-ao-caic-paulo-dacorso-filho/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

RIBAS, João Francisco Magno (Org). **Jogos e esportes: fundamentos e reflexões da praxiologia motriz**. Santa Maria – RS: Editora UFSM, 2008.

RIBAS, João Francisco Magno (Org.). **Praxiologia motriz e voleibol: elementos para o trabalho pedagógico**. Ijuí: Editora da Unijuí, 2014.

RIBAS, João Francisco Magno et al. Aproximações da praxiologia motriz com o conceito de organização interna na Base Nacional Comum Curricular-Educação Física. **Pensar a Prática**, v. 22, 2019.

RIBAS, João Francisco Magno. Praxiologia motriz: instrumentalizando a prática pedagógica para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 240-250, 2010.

RIBEIRO, Luana Leal; SILVA, Renata Maldonado da. A educação especial nas políticas educacionais brasileiras: Uma abordagem histórica. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 27, n. 21, p. 1-36, 2019. <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.27.3073>

RIBEIRO, Maria Lúcia dos Anjos; PIANTINO, Alessandro Campos. A participação do pedagogo na Equoterapia. **Educação: Saberes e Prática**, v. 5, n. 1, p. 18-29, 2017.

SCHMIDT, Vagner Augusto de Oliveira. **Praxiologia motriz e a lógica interna do brasileiro jiu-jítsu**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/22724/DIS_PPGEF_2021_SCHMIDT_VAGNER.pdf?sequence=1. Acesso em: 16 jul. 2023.

SILVA, Ana Mayra Samuel *et al.* Função social da escola e inclusão: qual a relação? **Colloquium Humanarum**, v. 15, n. 1, p. 164-170, 2018.

SILVA, Fontes; DA SILVA, Roberta Barbosa. O papel da psicologia na equoterapia: uma clínica extra muros. **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, v. 7, n. 2, p. 8-16, 2017.

SILVA, Leandro de Oliveira; MONTEIRO, Joyceane Rezende de Souza; LEITE, Sabrina Toffoli. Equoterapia e educação física: estudo de caso com praticante autista. **Itinerarius Reflectionis**, v. 16, n. 3, p. 01-24, 2020. <https://doi.org/10.5216/rir.v16i3.63017>

SILVEIRA, Michele Marinho da; WIBELINGER, Lia Mara. Reeducação da postura com a equoterapia. **Revista Neurociências**, v. 19, n. 3, p. 519-524, 2011.

SOARES, Leys Eduardo dos Santos; SILVA, Pierre Normando Gomes da; RIBAS, João Francisco Magno. Comunicação motora em jogos populares: uma análise praxiológica. **Movimento**, v. 18, n. 3, p. 159-182, 2012.

SOUSA, Lazaro Mourão. Educação Especial no Brasil: o que a história nos conta sobre a educação da pessoa com deficiência. **Revista Bibliomar**, São Luís, v.19, n. 1, p. 159-173, jan./jun. 2020

SOUZA, Marina Pereira et al. Habilidades sociais, interação social e a inclusão escolar de uma criança cega. **Revista Educação Especial**, v. 29, n. 55, p. 323-336, 2016.

SOUZA, Marjane Bernardy; SILVA, Priscilla. L. N. Equoterapia no tratamento do transtorno do espectro autista: a percepção dos técnicos. **Revista Ciência e Conhecimento**. São Jerônimo, v. 9, n. 1, p. 4-22, 2015.

SOUZA, Valdenir Roberta Damascena; SILVA, Marcia Cristina; CIDRÃO, Leonardo Alves. Equoterapia no processo de educação e reabilitação de pessoas com deficiência: a experiência de Quirinópolis-Go. **Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem**, v. 4, n. 7, p. 69-86, 2020.

TABORDA, Douglas dos Santos. **Aproximações teóricas entre a praxiologia motriz e a proposta transformação didático-pedagógica do esporte: por um diálogo da possibilidade**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6744/TABORDA%2C%20DOUGLAS%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jul. 2023.

TESSMANN, Nicole Silveira *et al.* Equoterapia como ferramenta para o tratamento de transtorno do espectro autista. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 5, p. 20516-20527, 2021.

UNESCO. **Declaração de salamanca: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**, 1994, Salamanca-Espanha. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>, acessado em 20/02/2024.

ZAMO, Renata de Souza; TRENTINI, Clarissa Marcelli. Revisão sistemática sobre avaliação psicológica nas pesquisas em equoterapia. **Revista Psicologia: teoria e prática**, v. 18, n. 3, p. 81-97, 2016.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TÍTULO DO PROJETO: Educação Inclusiva e a Praxiologia Motriz: Perspectivas Semiomotrizes na Equoterapia

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Marcelle Cabral Volpasso

ORIENTADOR DO PROJETO: Prof. Drº José Ricardo da Silva Ramos

ENDEREÇO: Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA), BR – 465, km 7, Seropédica – Rio de Janeiro/RJ. CEP: 23.897-000

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa intitulada ***Educação Inclusiva e a Praxiologia Motriz: Perspectivas Semiomotrizes na Equoterapia***, sob a responsabilidade da pesquisadora MARCELLE CABRAL VOLPASSO do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola - PPGEA. O objetivo desta pesquisa é investigar as possíveis relações entre a prática equestre educativa e o processo semiológico nas condutas motrizes dos agentes da Equoterapia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (a UFRRJ).

Esclarecemos ainda que tal pesquisa está inserida no Projeto Interdisciplinar de Equoterapia da UFRRJ: ***“A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola”*** sob a responsabilidade, coordenação e orientação do Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos (UFRRJ/IE/DTPE).

Você receberá os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo, em favor de não identificá-lo(a).

As informações serão obtidas pela pesquisadora da seguinte forma: através de entrevista, observação das sessões equoterápicas e diário de campo para investigação do processo semiológico nas ações motrizes da equipe equoterápica da UFRRJ a fim de compreender como a Equoterapia responde às significações semiológicas dentro da educação inclusiva. Na sua participação está submetido a uma entrevista, registros audiovisuais (desde que todos os envolvidos tenham preenchido o Termo de Autorização do Uso de Imagens e Voz) e observações das sessões de equoterapia. Os registros em diário de campo serão realizados nos atendimentos de todos os praticantes do projeto, 1x por semana, durante 1 mês.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável

Esta pesquisa apresenta riscos mínimos previsíveis para o participante, como um eventual desconforto em alguma (s) pergunta (s) da entrevista ou da observação das sessões equoterápicas. Para minimizar estes riscos mínimos relacionados a esta investigação, você participará da entrevista no local onde preferir, de forma individualizada. Suas informações e seu nome não serão divulgados. Somente o pesquisador e/ou equipe de pesquisa saberão de

seus dados e prometemos manter tudo em segredo. Caso desista de participar da pesquisa, você poderá solicitar a exclusão dos dados coletados a qualquer momento.

Sua participação é fundamental pois possibilitará a criação de um banco de dados que ajudará na compreensão qualitativa que pode ajudar a pesquisadora a entender melhor sobre os processos semiológicos das ações motrizes da equipe durante as sessões equoterápicas. Os dados coletados irão contribuir para pesquisas mais aprofundadas que posteriormente tragam esclarecimentos e conhecimentos que auxiliem no entendimento a respeito da relação entre as variáveis equoterapia, semiologia, educação inclusiva e praxiologia motriz. Sem contar que a pesquisa também trará benefícios a outras pessoas pelo avanço da ciência, e você estará participando disso. Também podemos te contar sobre os resultados durante e ao final da pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento, sem nenhuma penalização para você. A recusa em participar não acarretará penalidade alguma. A desistência pode ser feita entrando em contato com a pesquisadora ou com o orientador deste projeto. Em qualquer momento, dúvidas em relação ao projeto poderão ser esclarecidas também entrando em contato com a pesquisadora ou com o orientador deste projeto.

Todos os dados coletados serão mantidos sob sigilo, em arquivo confidencial, somente a pesquisadora deste projeto terá acesso a estas respostas e para fins científicos. Os resultados da pesquisa serão publicados em uma Pesquisa de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola – PPGEA e poderão ser divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação, porém o seu nome permanecerá em sigilo, ou seja, você não será revelado em hipótese alguma.

Você poderá ter acesso aos resultados da pesquisa quando ela terminar, caso tenha interesse.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável

Você não será remunerado ao aceitar participar da pesquisa. Caso a pesquisa resulte em dano pessoal, o ressarcimento e indenizações previstos em lei poderão ser requeridos pelo participante. Tendo em vista que a coleta de dados será realizada na Universidade em horário acordado entre as partes (pesquisadora e bolsistas), a pesquisadora irá ressarcir o/a participante no dia e horário da coleta de dados com a oferta de lanche.

Em caso de desistência, dúvidas ou outra informação em relação a esta pesquisa entre em contato com o Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos (orientador deste projeto) através do e-mail joser Ricardo63@gmail.com ou com a discente Marcelle Cabral Volpasso (pesquisadora deste projeto) através do e-mail marcelle volpasso@gmail.com.

Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, situada na BR 465,

km 7, Seropédica, Rio de Janeiro, pelo telefone (21) 2681-4749 de segunda a sexta, das 09:00 às 16:00h, pelo e-mail: eticacep@ufrj.br ou pessoalmente às terças e quintas das 09:00 às 16:00h.

No caso de aceitar participar da pesquisa, você e o pesquisador devem rubricar todas as páginas e também assinar as duas vias deste documento. Uma via é sua, e a outra via ficará com o(a) pesquisador(a).

Para mais informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a **Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa** elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que está disponível no site: http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf

DECLARAÇÃO DOS PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Declaro que cumprirei as exigências expostas nos itens e que este termo está de acordo com a resolução do CNS 466/2012 e com o CEP da UFRJ.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO DO PARTICIPANTE: Declaro que li, estou de acordo com o que foi proposto e quero por livre e espontânea vontade participar desta pesquisa. Que todas as minhas dúvidas sobre esta investigação foram respondidas e que estou recebendo um termo idêntico a este assinado por mim e pelos responsáveis da investigação. Estou ciente de que a qualquer momento poderei desistir da minha participação nesta pesquisa, sem nenhuma penalização para mim.

Nome legível do participante: _____ Data: ____/____/____

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável

Apêndice B - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Voz

Para fins de direito, autorizo o uso da minha imagem e/ou voz pela pesquisadora Marcelle Cabral Volpasso, para a pesquisa intitulada ***Educação Inclusiva e a Praxiologia Motriz: Perspectivas Semiomotrizes na Equoterapia***. As imagens e/ou voz poderão ser utilizadas de forma parcial ou total em diferentes meios de publicação e divulgação, tais como em eventos científicos diversos, apresentações audiovisuais, publicações em sites, redes sociais e divulgações comerciais ou não, em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens e áudios resultante da pesquisa, e na Internet e em outras mídias futuras, desde que não se descaracterize seu vínculo com o projeto de pesquisa.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos associados a minha imagem e/ou voz.

Nome: _____

Telefone: () _____

_____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura: _____

Apêndice C – Bloco 2 das entrevistas: Habilidades e planejamento das sessões

CATEGORIAS	BLOCO 2	RESULTADOS
<u>EQUOTERAPIA</u> <u>EDUCACIONAL</u>	Quais são as competências/habilidades trabalhadas na Equoterapia?	Lúcia: Trabalha a memória de trabalho e coordenação motora grossa e fina
		Carla: Questões motoras, auto-regulação e tempo de espera
		José: O maior déficit é a comunicação, tanto que nas práticas buscamos trabalhar muito o diálogo com as crianças.
		Hugo: Motivação e interação social.
		Cláudia: Dificuldades de aprendizagem, matemática, interação, postura e coordenação mota.
		Fernando: Socialização. A maioria é bem tímida e inibida.
		Marcos: Socialização das crianças.
		Erika: Trabalhamos o relacionamento interpessoal, principalmente quando chegam ao projeto, pois eles tem muita dificuldade.
		Tadeu: Interação das crianças com seus colegas e com todo o grupo.
		Joana: Dificuldade de interação, comunicação e alterações comportamentais.
	Procuram atingir a necessidade específica da criança com NEE? Qual é a NEE?	Lúcia: Sim. A interação social e a parte pedagógica sinalizada pelo professor.
		Carla: Sim. Normalmente associadas a interação, dificuldades cognitivas, de aprendizagem e motora.
		José: Sim, antes de planejar observamos a individualidade de cada um e também toda a coletividade. A NEE é a comunicação e interação.
		Hugo: Sim, observamos a particularidade de cada criança. Os déficits são maiores na interação social.
		Cláudia: Alguns têm déficits em coordenação motora, problemas relacionados à fala, socialização e atenção.
		Fernando: Sim, de socialização e interação; buscamos sempre perguntar e interagir com elas, além de fazer elas interagirem com o animal.
		Marcos: Sim, buscamos o desenvolvimento físico e pedagógico.
		Erika: Sim. Geralmente é a interação e socialização.
		Tadeu: Sim. Interação
		Joana: Sim. Aspectos psíquicos e emocionais como autoconfiança, autoestima, independência, autonomia.
	Em que baseiam suas atividades? Quais são os conteúdos equestres/escolares trabalhados na Equoterapia?	Lúcia: Na socialização das crianças e nas dificuldades de aprendizagem.
		Carla: Podem ser atividades de alfabetização, de matemática e até língua portuguesa
		José: Trabalhamos a parte cognitiva dos praticantes.
		Hugo: Os conteúdos estão relacionados a demanda daquele aluno, a dificuldade apontada pelo professor.
		Cláudia: As atividades se baseiam nas principais dificuldades dos escolares, desde a parte de interação como nas dificuldades escolares.
		Fernando: Brincadeiras e trabalhos envolvendo os alunos de educação física da UFRRJ, a equipe, cavalos e praticantes.
		Marcos: As atividades se baseiam nas principais dificuldades dos alunos.
		Erika: Depende da dificuldade que os alunos apresentam.
		Tadeu: A maioria na socialização das crianças e nos conteúdos escolares que as crianças têm dificuldades.
		Joana: As atividades são escolhidas conforme as dificuldades dos alunos, podendo ser operações matemáticas, leitura, vogais, cores entre outros.
<u>SOCIOMOTRICIDADE</u>	Quais estratégias equoterápicas utilizam para trabalhar essa necessidade? Quais recursos pedagógicos?	Lúcia: Roda inclusiva (momento de interação entre os praticantes, equipe e cavalos). Os recursos são: materiais didáticos, pintura, cones, bambolê, escrita e quebra-cabeça.
		Carla: Prioriza-se as atividades em grupo através de rodas inclusivas.
		José: Dinâmicas com uso de vários materiais como bastões, bambolês, isopor, bolas, balões, quebra-cabeça entre outros.
		Hugo: Brinquedos cantados, rodas interativas, jogos (memória, quebra-cabeça) e atividades que interagem equipe-aluno-cavalos.
		Cláudia: Bambolês, bolas, cones, cordas, materiais de pintura, brincadeiras e jogos em grupo para a socialização.
		Fernando: O diálogo, brincadeiras e a prática junto aos cavalos para trabalhar a socialização das crianças
		Marcos: Rodas inclusivas com músicas e os cavalos no centro e atividades lúdicas.
		Erika: Atividades interativas que envolvam equipe, praticantes e a turma de prática de ensino. Atividades de alfabetização, pedagógicas, quebra cabeça, jogo da memória. Rodas inclusivas, brincadeiras cantadas...

<u>EDUCAÇÃO INCLUSIVA</u>		Tadeu: Para se aproximar das crianças e buscar essa interação, utilizamos recursos do seu interesse, sempre olhando para particularidade de cada criança. Além disso, trabalhamos no coletivo essa interação.
		Joana: Rodas e circuitos. Utilizamos bambolês, argolas, bolas, pista pedagógica, rodas interativas e cantigas com instrumentos musicais.
	Buscam conhecimentos na Ed. Especial/Inclusiva para atender os alunos?	Lúcia: Sim, precisa ter essa visão pedagógica somada aos conhecimentos da educação inclusiva.
		Carla: Sim, para atender esse público e planejar as sessões, é fundamental o conhecimento nessa área.
		José: sim. Buscamos ler artigos, realizar cursos e apresentar trabalhos na área.
		Hugo: Sim. Discutimos sobre isso nas reuniões semanais.
		Cláudia: Sim. Leio artigos sobre a temática.
		Fernando: Sim.
		Marcos: Sim.
		Erika: Sim.
		Tadeu: Sim. É fundamental para criar um ambiente mais enriquecedor e diversificado para todos os estudantes.
		Joana: Sim, é fundamental esses conhecimentos para entendermos as particularidades de cada criança.
	Como planejam suas aulas para atender os alunos com NEE na Equoterapia?	Lúcia: Temos reunião semanalmente para conversarmos sobre os praticantes e fazermos os planejamentos individualizados dos alunos da escola.
		Carla: Ao final dos atendimentos é feita uma reunião para discutir sobre as observações feitas, montar os planejamentos, realizar os relatórios e evoluções.
		José: Observamos a particularidade individual e coletiva, depois cada mediador monta o planejamento do seu praticante.
		Hugo: Dentro da equipe cada membro fica responsável por uma criança e pelo seu planejamento. O bolsista observa a particularidade de cada criança e o coletivo como um todo.
		Cláudia: Os professores sinalizam as dificuldades encontradas em sala de aula e cada mediador observa as dificuldades durante os atendimentos. A partir disso, montamos um planejamento individualizado.
		Fernando: planejamento em conjunto com toda a equipe e com o auxílio das orientadoras educacionais.
		Marcos: O planejamento é pensado em equipe, com atividades específicas a cada dificuldade.
		Erika: Planejamos semanalmente durante as reuniões em grupo.
		Tadeu: A escola sinaliza as principais dificuldades, pensamos nas atividades/estratégias e planejamos coletivamente.
		Joana: Planejamos coletivamente com base no que observamos e nas dificuldades ditas pelos professores.
	Como constroem as aulas/sessões?	Lúcia: Em conjunto com toda equipe, a partir das observações semanais e dos feedbacks dos professores.
		Carla: Pensamos nas atividades conforme as necessidades individuais de cada aluno e de todo o grupo.
		José: As dinâmicas são montadas pela turma de EF, que montam as sessões de acordo com o término da montaria e quantidade de praticantes no dia.
		Hugo: Através de planejamentos, feitos para cada criança.
		Cláudia: pensando sempre em atividades que envolvam a interação em grupo e durante a montaria focamos na individualidade.
		Fernando: Pensando nas particularidades de cada aluno.
		Marcos: Pensamos nas dificuldades dos alunos e oferecemos atividades que o ajudem a superar isso.
		Erika: A partir das dificuldades apresentadas pelos alunos.
		Tadeu: Quando as crianças chegam já começamos a interação com eles, atividades lúdicas em rodas onde cada um vai se apresentando “oi, bom dia, como vai você?”; “Mandrake”; atividades de dar as mãos, em dupla, trio ou grupo; colocamos os cavalos no centro para proporcionar maior interação das crianças com os animais, além da equipe.
		Joana: Os objetivos e as atividades desenvolvidas durante as sessões são pensadas coletivamente, mas normalmente baseiam em momento em grupo e momentos individuais, iniciadas sempre com atividades em grupo e com interação com o cavalo.

Apêndice D - Bloco 3 das entrevistas: Trabalho Inclusivo

CATEGORIAS	BLOCO 3	RESULTADOS
<u>EQUOTERAPIA EDUCACIONAL</u>	O que diferencia esse projeto dos outros centros de Equoterapia?	Lúcia: A interação e o trabalho conjunto com a escola.
		Carla: O diferencial é esse processo das interações, entendendo que o que a gente faz aqui vai refletir na escola.
		José: Proporcionando experiências que desenvolvam seu aspecto biopsicossocial, contando com uma equipe que tem foco em aprimorar a parte pedagógica do aluno.
		Hugo: A Equoterapia da UFRRJ é totalmente pedagógica, interativa e afetiva. Aqui na Rural tem a montaria, mas antes as crianças interagem entre si, através das rodas inclusivas e das brincadeiras cantadas.
		Cláudia: A gratuidade.
		Fernando: Temos um olhar voltado para a parte educacional, pensando sempre na inclusão desses alunos.
		Marcos: Apoio humanístico e pedagógico individualizado
		Erika: O foco é na inclusão do aluno, olhar para o que ele mais tem dificuldade e ajudá-lo a superar.
		Tadeu: Muitos estudantes de vários cursos, é um atendimento multidisciplinar. Além disso, a parceria com a escola. Os professores falam diretamente com o projeto como os alunos estão, suas dificuldades, avanços.
		Joana: A equoterapia da ufrj atua no processo educacional com o objetivo de criar um espaço que contribua para construção do indivíduo, desenvolvendo habilidades e adquirindo conhecimentos, dentro de suas potencialidades, através de atividades lúdicas que tem como meio motivador o “cavalo”. As outras éguas normalmente só visam a reabilitação, na busca pela “normalidade” e não auxilia no processo ensino-aprendizagem.
<u>SOCIOMOTRICIDADE</u>	-	-
<u>EDUCAÇÃO INCLUSIVA</u>	Trabalham conjuntamente com a escola? Como é o trabalho de interação com a escola? A produtividade dos trabalhos em relatórios?	Lúcia: Não só em conjunto com a escola, mas também com a Secretaria de Educação. Tudo que é feito na Equoterapia é repassado para a escola e para a Secretaria de Educação através de relatórios, devolutivas e documentação completa.
		Carla: O projeto de Equoterapia da UFRRJ dialoga a todo momento com os profissionais da escola através de conselhos de classe e recebe deles o feedback de como os alunos estão na escola para que os bolsistas saibam o que trabalhar.
		José: A escola sinaliza qual é a demanda de cada aluno e planejamos em cima dessas dificuldades.
		Hugo: Sim, além das atividades realizadas na Rural com os cavalos, também realizamos atividades pedagógicas lá na escola, às vezes teóricas, às vezes práticas, mas todas sempre preocupadas com o coletivo, com a interação. As atividades ajudam nas disciplinas escolares porque os professores nos passam as principais dificuldades de cada aluno.
		Cláudia: As orientadoras educacionais fazem essa comunicação do projeto com a escola, sinalizando para ambos as dificuldades e avanços da criança.
		Fernando: Sim. A Equoterapia e a escola trabalham juntos, buscando sempre o desenvolvimento dos alunos e a superação das suas dificuldades.
		Marcos: Sim, a escola sinaliza quais as dificuldades encontradas em sala de aula e trabalhamos na Equoterapia em cima disso, a fim do seu desenvolvimento.
		Erika: Sim, a escola sinaliza as dificuldades dos alunos. Além disso, alguns atendimentos são realizados na própria escola, para demarcar o espaço da Equoterapia.
		Tadeu: Sim, as orientadoras educacionais fazem a ponte entre a escola e o projeto.
		Joana: Sim, tudo que é feito na Equoterapia é repassado para a escola. Além disso, a própria escola repassa para o projeto às necessidades do aluno.
	Como as sessões equoterápicas dialogam com a Educação Inclusiva?	Lúcia: Através do acesso e da participação independente da particularidade de cada um.
		Carla: Através de estratégias para se ajustarem as necessidades específicas de cada aluno dentro do coletivo e da particularidade individual de cada um.
		José: Trabalhamos em conjunto com a escola, buscando o desenvolvimento biopsicossocial e pedagógico.
		Hugo: Todos os alunos são incluídos nas atividades e no processo de escolarização. As sessões são voltadas para a inclusão e interação deles com os pares.
		Cláudia: Buscamos que esses alunos tenham acesso, participem e aprendam, independentemente das diferenças.
		Fernando: No nosso projeto, entendemos que cada aluno tem suas particularidades e que elas devem ser consideradas como diversidade e não como problema.
		Marcos: Estão intrinsecamente ligados a educação inclusiva em virtude da relação pedagógica

		da escola com a Equoterapia, uma união em que o aluno tem melhoras na sala de aula aliadas as sessões de Equoterapia
		Erika: Pensando na inclusão desses alunos tanto no projeto quanto na escola.
		Tadeu: Valorizando as diferenças entre os educandos, promovendo a inclusão em vez de as ver como algo que segrega.
		Joana: A Equoterapia, quando realizada com técnicas adequadas, por equipe capacitada e de modo integrado com os professores, pode proporcionar melhoras nos aspectos motores (relacionados à marcha e ao equilíbrio), aspectos cognitivos (na aprendizagem) e nos aspectos emocionais (relações sociais e sentimento de segurança), favorecendo a inclusão escolar dos estudantes com deficiência.
	Qual o papel da turma “prática de Ensino” durante as sessões de Equoterapia?	Lúcia: Eles pensam e aplicam as atividades e ajudam na interação das crianças
		Carla: Eles colaboram pensando e aplicando as atividades.
		José: Elaboram as atividades pedagógicas e ajudam na interação e comunicação com os estudantes.
		Hugo: Buscam atividades pedagógicas que dialoguem com a dificuldade dos alunos.
		Cláudia: Eles realizam atividades extras com diversas temáticas interdisciplinares a fim de estimular a aprendizagem das crianças.
		Fernando: Processo didático, trazer brincadeiras.
		Marcos: Pensam nas atividades e participam das práticas como alunos, ajudando na socialização com os praticantes.
		Erika: Eles desenvolvem atividades com as crianças, aprendem sobre a equoterapia, constroem relacionamentos com as crianças.
		Tadeu: Eles pensam nas atividades pedagógicas desenvolvidas nos atendimentos.
		Joana: É trabalhar a socialização com essas crianças, seja em formato de rodas, de brincadeiras e jogos.

ANEXOS

Anexo A - Termo de Anuência Institucional (TAI)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO



TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL - TAI

Eu, Ana Cristina Souza dos Santos, na condição de Diretora do Instituto de Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, manifesto a ciência, concordância e disponibilidade dos meios necessários para a realização e desenvolvimento da pesquisa intitulada “Educação Inclusiva e a Praxiologia Motriz: Perspectivas Semiomotrizes na Equoterapia” na nossa instituição. A instituição assume o compromisso de apoiar a pesquisa que será desenvolvida por Marcelle Cabral Volpasso, sob a orientação do Prof. Dr. José Ricardo da Silva Ramos (docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), tendo ciência que a pesquisa objetiva investigar as possíveis relações entre a prática equestre e o processo semiológico nas ações motrizes da equipe equoterápica da UFRRJ a fim de compreender como a Equoterapia responde as significações semiológicas dentro dessa educação equestre/inclusiva. A instituição assume o compromisso de que a coleta dos dados estará condicionada à apresentação do Parecer de Aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa, junto ao Sistema CEP/Conep.

Atenciosamente,

Seropédica, 22 de dezembro de 2023.

Documento assinado digitalmente
ANA CRISTINA SOUZA DOS SANTOS
 Data: 27/12/2023 08:52:07-0300
 Verifique em <https://validar.itf.gov.br>

(Ana Cristina Souza dos Santos/Diretora do Instituto de Educação da Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro)

Modelo baseado nas Resoluções CNS 466/2012, 510/2016 e 580/2018 e nas Cartas Circulares 0212/2010 e 122/2012 da Conep.

Anexo B – Protocolo do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A PRAXIOLOGIA MOTRIZ: PERSPECTIVAS SEMIOMOTRIZES NA EQUOTERAPIA

Pesquisador: Marcelle Cabral Volpasso

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76747624.2.0000.0311

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.907.581

Apresentação do Projeto:

A pesquisadora relata:

Este trabalho dissertativo é uma tentativa de olhar a Equoterapia dentro de uma proposta educativa com sentido, dialogando com educação inclusiva de forma contextualizada e crítica. Propomos, com base nos estudos da Praxiologia Motriz, um olhar para o processo de compreensão do todo equoterápico e as suas relações com o desenvolvimento da criança com Necessidades Educacionais Específicas (NEE). Além disso, entender como sua estrutura constrói a rede de sentidos/significações voltadas para o trabalho inclusivo no seu sistema motor. O objetivo é investigar as possíveis relações entre a prática equestre e o processo semiológico nas ações motrizes da equipe equoterápica da UFRRJ a fim de compreender como a Equoterapia responde às significações semiológicas dentro dessa educação equestre/inclusiva. Trata-se de um estudo de caso, de natureza qualitativa, do tipo descritiva e longitudinal, em que a pesquisadora irá ao campo várias vezes. Quanto aos instrumentos para a coleta de dados, será utilizado: entrevista com os mediadores do projeto "A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola", observação das sessões e registro em diário de campo.

A amostra será composta por 10 bolsistas que atuam semanalmente como mediadores no projeto "A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola", desenvolvido na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Inicialmente, será utilizado uma

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar

Bairro: ZONA RURAL

CEP: 23.897-000

UF: RJ

Município: SEROPEDICA

Telefone: (21)2681-4749

E-mail: eticacep@ufrj.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 6.907.581

entrevista semi-estruturada com perguntas e respostas tendo como base o jogo maiêutico proposto por Sócrates.

Esta metodologia consiste na contínua elaboração de perguntas (e suas respectivas respostas) de modo que o participante crie uma conceituação geral de um objeto e seja levado a refletir sobre um assunto que acredita conhecer. Além disso, será realizada uma observação das sessões equoterápicas, a fim de compreender os praxemas, gestemas e as ações motrizes presentes no mundo equoterápico.

A pesquisadora também utilizará o diário de campo, instrumento fundamental que auxilia no registro e em futuras consultas aos elementos coletados. Os registros em diário de campo serão realizados nos atendimentos de todos os praticantes do projeto, 1x por semana, durante 1 mês.

Para análise dos dados será utilizado a análise de conteúdo de Bardin (2011).

A pesquisador a apresenta a seguinte equipe de pesquisa:

JOSE RICARDO DA SILVA RAMOS - Orientador da pesquisa e coordenador do projeto de Extensão, "A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola".

Desfecho primário:

Espera-se que todo ato motor possa enunciar uma forma semiológica de comunicação não verbal conexa a um jogo de tarefas motrizes a cumprir, caracterizado por orientações normativas estruturais. E à medida que o sujeito do jogo realiza uma tarefa motriz (sociomotriz), as ações motrizes podem se constituindo num processo situacional lógico, de funcionamento sociomotor normativo segundo a estrutura profunda que guia todas as

ações que estão na superfície do jogo.

Critério de Inclusão:

Ser bolsista do projeto "A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola" e atuar semanalmente durante os atendimentos.

Critério de Exclusão:

Bolsistas que não apresentarem o TCLE devidamente assinados.

Objetivo da Pesquisa:

A proponente descreve como objetivos:

Objetivo Primário:

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar			
Bairro: ZONA RURAL	CEP: 23.897-000		
UF: RJ	Município: SEROPEDICA		
Telefone: (21)2681-4749	E-mail: eticacep@ufrrj.br		

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 6.907.581

Investigar as possíveis relações entre a prática equestre e o processo semiológico nas ações motrizes da equipe equoterápica da UFRRJ a fim de compreender como a Equoterapia responde as significações semiológicas dentro dessa educação equestre/inclusiva.

Objetivo Secundário:

- 1) Verificar e analisar de que forma o processo semiológico acontece nas sessões de Equoterapia, considerando as necessidades educacionais específicas do aluno.
- 2) Identificar as palavras, símbolos, associações e os signos utilizados na Equoterapia que favorecem o desenvolvimento integral de pessoas com necessidades educacionais específicas.
- 3) Incrementar o vínculo Educação Inclusiva e Equoterapia, apresentando a dialogicidade necessária com essas duas áreas de conhecimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A proponente descreve:

Riscos:

Eventual desconforto em alguma (s) pergunta (s) durante a entrevista. Para minimizar este risco mínimo relacionado a esta investigação, o bolsista poderá escolher o local da entrevista onde preferir, de forma individualizada.

Benefícios:

A participação contribuirá na criação de um banco de dados que ajudará na compreensão qualitativa que pode ajudar a pesquisadora a entender melhor sobre os processos semiológicos das ações motrizes da equipe durante as sessões equoterápicas. Os dados coletados irão contribuir para pesquisas mais aprofundadas que posteriormente tragam esclarecimentos e conhecimentos que auxiliem no entendimento a respeito da relação entre as variáveis equoterapia, semiologia, educação inclusiva e praxiologia motriz. Sem contar que a pesquisa também trará benefícios a outras pessoas pelo avanço da ciência, e você estará participando disso. Também podemos te contar sobre os resultados durante e ao final da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto original encontra-se aprovado sob o CAAE, nº 76747624.2.0000.0311.

A pesquisadora justifica, por meio de emenda, os ajustes necessários no seu projeto e nas informações básicas do projeto, tendo em vista que a coleta de dados está relacionada aos envolvidos no projeto de extensão da Equoterapia da UFRRJ. Nesse contexto, a pesquisadora

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar
Bairro: ZONA RURAL **CEP:** 23.897-000
UF: RJ **Município:** SEROPEDICA
Telefone: (21)2681-4749 **E-mail:** eticacep@ufrrj.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 6.907.581

informa que o referido projeto extensão teve seu nome alterado

De

1. "Equoterapia Educacional: Suporte inclusivo para escolarização de crianças e jovens com necessidades educacionais".

Para

2. "A Equoterapia gerando inclusão de alunos com necessidades especiais na escola".

Somado a isso, também informa que houve alteração do termo "alunos bolsistas" para "bolsistas", destacando a participação de bolsistas da FAPERJ, no referido processo.

Os termos foram devidamente substituídos nos documentos do processo.

O número de participantes foi mantido.

A coleta de dados foi estendida até o mês de julho de 2024.

O protocolo de pesquisa apresentado possui os elementos necessários à apreciação ética.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos apresentados no protocolo de pesquisa pela proponente não possuem pendência, segundo as normas vigentes.

Recomendações:

Recomenda-se que o pesquisador acompanhe a tramitação do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil com regularidade, atentando-se às diferentes fases do processo e seus prazos:

- a) quando da pendência, o pesquisador terá até 30 dias para responder às demandas e relatoria;
- b) quando da aprovação, o pesquisador deverá submeter relatórios parciais a cada semestre;
- c) quando da necessidade de emendas ou notificações no projeto, consultar a Norma Operacional 001/2013 - Procedimentos para Submissão e Tramitação de Projetos.
- d) quando da finalização do projeto, submeter relatório final.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As adequações às RESOLUÇÕES Nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e Nº 510 de 24 de maio de 2016 foram plenamente atendidas pela pesquisadora.

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar
Bairro: ZONA RURAL **CEP:** 23.897-000
UF: RJ **Município:** SEROPEDICA
Telefone: (21)2681-4749 **E-mail:** eticacep@ufrj.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DO RIO DE JANEIRO
(UFRRJ)**



Continuação do Parecer: 6.907.581

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_2361174_E1.pdf	11/06/2024 14:23:34		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	10/06/2024 21:42:56	Marcelle Cabral Volpasso	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	10/06/2024 21:41:26	Marcelle Cabral Volpasso	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/06/2024 21:41:13	Marcelle Cabral Volpasso	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_PARA_USO_DE_IMAGEM_DO_MENOR.pdf	02/01/2024 17:48:47	Marcelle Cabral Volpasso	Aceito
Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO_DE_USO_DE_IMAGEM_E_VOZ.pdf	02/01/2024 17:47:06	Marcelle Cabral Volpasso	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_Anuencia.pdf	02/01/2024 17:45:18	Marcelle Cabral Volpasso	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_MARCELLE_CABRAL_assinado.pdf	02/01/2024 16:54:21	Marcelle Cabral Volpasso	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SEROPEDICA, 25 de Junho de 2024

Assinado por:
Valeria Nascimento Lebeis Pires
(Coordenador(a))

Endereço: BR 465, KM 7, Zona Rural, Biblioteca Central, 2º andar
Bairro: ZONA RURAL **CEP:** 23.897-000
UF: RJ **Município:** SEROPEDICA
Telefone: (21)2681-4749 **E-mail:** eticacep@ufrrj.br